

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

MARIA ALICE SILVA PEREIRA

MULHER NA TV

Uma análise da representação da mulher no programa de auditório Altas Horas

Mariana
2024

Maria Alice Silva Pereira

MULHER NA TV

Uma análise da representação da mulher no programa de auditório Altas Horas

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Agnes Francine de Carvalho Mariano

Mariana
2024

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

P436m Pereira, Maria Alice Silva.

Mulher na tv [manuscrito]: Uma análise da representação da mulher no programa de auditório Altas Horas. / Maria Alice Silva Pereira. Maria Alice Silva Pereira. - 2024.
55 f.

Orientadora: Profa. Dra. Agnes Francine de Carvalho Mariano.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Feminismo. 2. Mulheres. 3. Televisão - Programas. I. Pereira, Maria Alice Silva. II. Mariano, Agnes Francine de Carvalho. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 141.72

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Maria Alice Silva Pereira

Mulher na TV: uma análise da representação da mulher no programa de auditório Altas Horas

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Aprovada em 8 de fevereiro de 2024

Membros da banca

Doutora Agnes Francine de Carvalho Mariano - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Doutora Karina Gomes Barbosa da Silva - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Mestra Júlia Militão Siqueira

Agnes Francine de Carvalho Mariano, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 21/02/2024



Documento assinado eletronicamente por **Agnes Francine de Carvalho Mariano, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 21/02/2024, às 18:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0671744** e o código CRC **E1DF3F29**.

AGRADECIMENTOS

Mais um ciclo está chegando ao fim. Foi um caminho longo e em muitos momentos pesado. Agradeço a Deus, aos orixás e todas as forças que não vemos mais sentimos nas quais acreditamos. Agradeço aos meus pais. O sonho de vocês está se realizando, espero que de onde estiverem possam sentir orgulho e talvez um pedacinho desta alegria. Mais do que a minha vontade de ter um diploma e trabalhar com aquilo que gosto, isso é o sonho e luta de vocês. Obrigada Agnes por ter topado e me ajudado a encerrar este ciclo, obrigada por toda paciência e aprendizado compartilhado, caso não nos vejamos mais você foi incrível e vou sempre lembrar deste tempo compartilhado com muito carinho. Obrigada à UFOP, foi graças a vocês que hoje eu carrego um diploma. Obrigado a todos que de alguma forma fizeram parte deste caminho e tornaram esse pedacinho da minha história algo bom, desesperador e gostoso de se viver.

RESUMO

Esta monografia tem como intuito identificar e analisar as modificações no modo como a imagem da mulher é representada na televisão em dos programas de auditório, ao longo dos anos. Nessa investigação, vamos utilizar como principal material de pesquisa três episódios do programa "Altas Horas", da Rede Globo. Recorremos a autoras feministas como Simone de Beauvoir e bell hooks para discutir as ideias sobre o "ser mulher", o quanto as meninas desejavam se parecer com os meninos, a luta da mulher para se reconhecer, se gostar e começar a buscar seu lugar. Como surgiu o feminismo, apenas como um grupo de mulheres que se reuniam para falar de suas dúvidas, anseios, decepções, até o movimento se popularizar e começar a buscar a conscientização feminina sobre seu poder. A pesquisa discute ainda como a televisão sempre tentou construir uma representação da vida, com programas e novelas que discutem assuntos presentes na sociedade. Programas de auditório registram altos números de audiência nos canais de TV aberta e a figura feminina sempre esteve presente neste ambiente. Antes, em segundo plano, aparecendo como uma atração a mais, agora, a figura da mulher já ocupa novas posições e a televisão vem se adaptando a esse novo papel da "mulher moderna". Para guiar o percurso metodológico recorremos ao conceito de dialogismo, do filósofo russo Mikhail Bakhtin. O conceito afirma que o dialogismo é a relação que se estabelece entre enunciados e pensamentos do passado com enunciados e pensamentos do presente e do futuro. Enquanto sujeitos, somos a junção de enunciados passados e presentes que interagem para formar enunciados futuros. Esses enunciados que moldam a forma de pensar, agir de um sujeito ou toda sociedade. Essa relação de passado e presente aparece em diversos momentos nas discussões que aparecem nos episódios escolhidos e exemplificam como o dialogismo aparece em meio à conversação. Como resultado, a pesquisa identificou que, em pleno século XXI, com a popularização do movimento feminista e toda a luta pela representatividade feminina, ainda esbarramos em falas e pensamentos que nos remetem há anos atrás, que questionam o comportamento, lugar e obrigações que cabem as mulheres. Por outro lado, em vários momentos, os debates que ocorrem no programa apontam em uma direção progressista, mostram a evolução do pensamento feminino, as falas, comportamentos, pensamentos e os novos objetivos e como isso se reflete na imagem da mulher e no seu posicionamento diante da sociedade, dando vida a essa nova forma de "ser mulher".

Palavras-chave: Mulher, feminismo, programas de auditório, Altas Horas, televisão.

ABSTRACT

The purpose of this monograph is to identify and analyze the changes in the way the image of women is represented on television in auditorium programs over the years. In this investigation, we will use as our main research material three episodes of Rede Globo's "Altas Horas" program. We used feminist authors such as Simone de Beauvoir and bell hooks to discuss ideas about "being a woman", the extent to which girls how much girls wanted to look like boys, the struggle of women to recognize themselves, to like themselves and to begin to seek their place. How did feminism come about, just as a group of women who got together to talk about their doubts, anxieties and disappointments, until the movement became popularized and began to seek female awareness of their power. The research also discusses how television has always tried to construct a representation of life, with programs and soap operas that discuss issues present in society. Auditorium programs register high viewing figures on free-to-air TV channels and the female figure has always been present in this environment. Before, in the background, appearing as an extra attraction, now, the figure of women occupies new positions and television has been adapting to this new role of the "modern woman". To guide the methodological path, we used the concept of dialogism by Russian philosopher Mikhail Bakhtin. The concept states that dialogism is the relationship that is established between statements and thoughts from the past with enunciations and thoughts of the present and future. As subjects, we are the combination of enunciations that interact to form future enunciations. These enunciations that shape the way a subject or society thinks and acts. This relationship between past and present appears at various times in the discussions that appear in the episodes and exemplifies how dialogism appears in the midst of conversation. As a result, the research identified that, in the 21st century, with the popularization of the feminist movement and all the struggle for female representation, we still come up against and thoughts that take us back years, questioning the behavior, place and obligations of women and obligations that fall to women. On the other hand, at various times, the debates that the program point in a progressive direction, they show the evolution of female the evolution of women's thinking, speech, behavior, thoughts and new objectives and how and how this is reflected in the image of women and their position in society, bringing to life this new way of "being a woman".

Keywords: Women, feminism, talk shows, Altas Horas, television.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	p.01
CAPÍTULO 2 REPRESENTAÇÃO FEMININA NA SOCIEDADE E NA MÍDIA	p.03
2.1 SOBRE O FEMINISMO.....	p.4
2.2 CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PAPEL FEMININO	p.8
2.3 A MULHER NA TV BRASILEIRA	p.12
CAPÍTULO 3 PROGRAMA DE AUDITÓRIO	p.19
3.1 O FORMATO PROGRAMA DE AUDITÓRIO	p.21
3.2 PROGRAMAS DE AUDITÓRIO DA TV GLOBO	p.24
3.3 CORPUS	p.27
CAPÍTULO 4 - DISCURSO SOBRE A MULHER	p.30
4.1 METODOLOGIA	p.31
4.2 ANÁLISE	p.35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p.44
REFERÊNCIAS	p.46

INTRODUÇÃO

Esta monografia tem como objetivo analisar as mudanças nos significados sobre a imagem da mulher na televisão, analisando a participação feminina em programas de auditório, usando como objeto de estudo o programa Altas Horas. Para essa análise, escolhemos observar produções televisivas, em função da grande repercussão que alcançam. A mulher sempre esteve presente na TV, mas conseguimos perceber que sua imagem, frequentemente, é usada como um atrativo a mais para o público. Programas que usam e usavam a sexualização da mulher para ganhar mais audiência sempre estiveram entre os campeões de audiência e muitos até hoje são considerados “obras-primas” da TV aberta.

Para discutir o tema, será inevitável falar sobre feminismo, um movimento que se dividiu em três fases e marcou a história da luta das mulheres por igualdade política, social e cultural. Por isso, o primeiro capítulo apresenta uma breve história do movimento, da sua popularização e discute a construção social do papel da mulher na sociedade e as mudanças que ocorrem. O questionamento à supremacia masculina e ao papel pré definido do que é ser mulher.

Não é novidade para ninguém que por muito tempo e até hoje a imagem da mulher aparece sempre à sombra do homem. Seu papel na sociedade foi sempre bem definido e visto como inferior, suas "obrigações" são consideradas mais "fáceis" e relacionadas a família, cuidado e criação e esse papel da mulher amorosa sempre foi reforçada em produções audiovisuais. Assim, por muito tempo a imagem feminina aparecia a sombra do homem, em segundo plano. Ao longo dos anos, o papel da mulher foi se modificando e ganhando novos contornos. Muitas delas começaram a reconhecer essa inferioridade imposta e buscar a igualdade de direitos, deveres e liberdade. Mas, mesmo com determinadas conquistas, em muitos contextos a mulher nunca foi vista como capaz e no momento que chegou perto de ocupar a mesma posição de um homem o julgamento sobre sua imagem e como ela poderia ser vista veio à tona. O capítulo 2 traz a discussão sobre essa representação feminina na sociedade e faz uma abordagem introdutória sobre o movimento feminista. Discute ainda como a mulher foi colocada perante a sociedade, desde o início das civilizações. A posição que a mulher ocupava dentro da sociedade e como, com o passar do tempo, esse lugar foi se mantendo e ganhando novas representações. Ainda no capítulo 2, fala-se sobre a televisão, a popularização desse meio de comunicação de massa e como essa definição do papel da mulher na sociedade chegou à mídia e ganhou forma, representando de forma natural a inferioridade feminina. O capítulo pontua também o poder de influência que este meio detém

e como a mídia se tornou um lugar de criação e circulação de sentidos que ajudam na manutenção e na construção de identidades visuais.

Para falar dos programas de auditório, o capítulo três faz uma pequena explicação do formato, como os programas são criados e moldados para atrair o público, os quadros e atrações que chamam atenção. O capítulo aponta também o preconceito cultural que crescia junto com os programas por causa do público que o assistia. Por muito tempo, permaneceu a ideia de que as pessoas que usavam desse meio como diversão e passatempo eram de classe média baixa, principalmente mulheres de meia idade, separadas e com pouca escolaridade. O capítulo apresenta também um breve resumo sobre a Rede Globo de televisão.

À frente, para investigar o tema proposto, analisamos o programa de auditório "Altas Horas". No ar desde 2000, o programa ainda é visto como uma referência de contato entre auditório, convidados e pela forma diplomática com que promove discussões pertinentes que estão em alta na sociedade. Mas, como todos os outros, no início, a imagem da mulher era um chamativo a mais para despertar os olhares. Hoje, o programa já apresenta outra visão sobre a imagem feminina e esta se reflete na forma como as mulheres aparecem dentro do programa. Para análise, foram escolhidos três episódios. Em todos os cortes escolhidos, a fala e imagem principal é da mulher. As convidadas e plateia discutem sobre a posição da mulher e nos ajudam a reconhecer que, apesar dos avanços e das novas formas e lugares que a mulher vem conquistando, a antiga ideia de "como ser mulher de verdade e de respeito" ainda prevalece e aparece em conversas e é replicada até mesmo por outras mulheres.

Essa repetição de enunciados, apesar do passar do tempo, confirma a teoria do dialogismo, de Bakhtin, base da nossa metodologia. O autor afirma que durante o tempo os enunciados não se perdem, apenas ganham novos significados e se tornam capazes de circular em determinado ambiente em determinado tempo. Somos em certo sentido, a soma de repetições, tudo que falamos e pensamos em algum outro momento já foi falado, pensado e questionado por outras pessoas. Esse pensamento do filósofo se confirma durante a pesquisa quando após analisar os cortes conseguimos identificar pensamentos, falas e jeitos que nos remetem a enunciados do passado. O programa traz mulheres hoje conscientes de sua capacidade, força e competência, capazes de reconhecer e buscar por direitos e espaços iguais que ainda se encaixam em determinados padrões que são antigos. Por outro lado, todas que aparecem na TV estão bem vestidas, maquiadas e seguem o estereótipo da mulher magra e elegante. Conseguimos perceber que apesar de toda evolução, tanto na sociedade, no pensamento e na televisão, ainda existem padrões que precisam ser questionados mais fortemente e a luta contra eles mais falada.

CAPÍTULO 2

REPRESENTAÇÃO FEMININA NA SOCIEDADE E MÍDIA

Este capítulo aborda de forma introdutória o que se definiu como movimento feminista e está dividido em duas seções. Na primeira iremos falar sobre o que se definiu como movimento feminista, a criação do movimento, sua popularização, sua trajetória e interpretações sociais que o movimento adquiriu ao longo do tempo. A dificuldade das mulheres em reconhecer o movimento, se reconhecer e entender essa supremacia do gênero masculino, passando pela construção da imagem da mulher dentro da sociedade e conseqüentemente a representação dessa imagem dentro da televisão. Na segunda parte do capítulo iremos falar sobre a construção social do papel feminino. As definições de feminino que são construídas pela sociedade, o modelo de "mulher" a ser seguido e como as mulheres se sentiam em relação a esse modelo imposto e quando começaram a reagir sobre. Nessa abordagem recorreremos a debates sobre a construção da mulher na sociedade e na televisão. Também consideramos indispensável abordar o movimento feminista, que pode ser visto como principal responsável por essa mudança na imagem e representação da mulher na sociedade.

2.1 SOBRE O FEMINISMO

Eu queria que tivessem uma resposta para a pergunta “o que é feminismo?” que não fosse ligada nem a medo nem a fantasia. Queria que tivessem esta simples definição para ler repetidas vezes e saber que: “Feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão.” Adoro essa definição. (Hooks, 2018, p. 13)

Como afirma a escritora, professora e teórica feminista bell hooks, é quase impossível definir claramente o que é o feminismo. Basicamente, entendemos como feminismo a junção de políticas, pensamentos e atitudes que buscam reconhecer e promover a igualdade entre mulheres e homens.. Mas o feminismo vai além disso.

Hoje, visto como um estilo de vida, entende-se que o pensamento feminista tem uma base sólida, e uma ideologia bem definida. Mas, ao longo dos anos e com as modificações sociais, como a ocupação dos espaços públicos pelas mulheres, o movimento vem se tornando mais abrangente e capaz de incluir outros grupos de mulheres.

No início, o movimento se resumia a reuniões de poucas mulheres brancas de classe média alta que se juntavam para questionar a restrição do direito de ir e vir, o direito ao voto e a liberdade de poder sair de casa sem se preocupar com as obrigações do lar e para compartilhar angústias em comum.

Em um nível mais elementar, muitas mulheres machucadas e exploradas usavam o grupo de conscientização como terapia. Era o local em que expunham e revelavam abertamente a profundidade de feridas íntimas. Essa característica confessional servia como ritual de cura. Através da conscientização, mulheres adquiriram força para desafiar o poder patriarcal no trabalho e em casa. (Hooks, 2018, p. 23-24).

Ao longo dos anos, com novos estudos, informações e discussões, esse debate se expandiu, alcançando novas mulheres, de outras classes e abrindo a discussão para novos horizontes. Hoje, podemos pensar que a principal afirmação do feminismo é combater a supremacia masculina e fazer com que as mulheres entendam seu lugar e papel igualitário dentro da sociedade. Mas como combater a segregação e inferioridade que presenciamos desde o nascimento?

Para a pensadora Simone de Beauvoir (1967), a diferença entre masculino e feminino sempre esteve presente e bem clara. As meninas, desde pequenas, são ensinadas a obedecer, crescer e se tornar uma boa esposa para servir ao seu marido. Quando criança, a educação dentro de casa gira em torno de aprender os afazeres domésticos, como ser uma boa menina, recatada, fina, educada para, futuramente, se tornar uma boa esposa e mãe.

Na época estudada por Beauvoir, a ideia de ter uma independência, mesmo tendo marido, parecia algo anormal. Para o menino/homem, a figura feminina é frágil, delicada, educada e com um caminho escrito: casar e cuidar da casa.

Assim, a passividade que caracteriza essencialmente a mulher "feminina" é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. (Beauvoir, 1967, p. 21)

Toda essa opressão da mulher dentro da sociedade, sua imagem e função é definida por séculos de uma supremacia masculina, que coloca os homens em uma posição superior e cria diversas limitações e barreiras que condenam as mulheres à submissão. Em uma reportagem escrita para o "El País", Raul Limón, expõe o que a pesquisadora Marta Cintas-Pena, da Universidade de Sevilla, definiu como supremacia masculina "um processo social e cultural criado que consolidou um sistema injusto" (Limón, 2021).

A injustiça trazida por essa formação social que em muitas culturas prevalece até hoje, deixa cada vez mais claro a desvalorização da mulher, que agora se vê obrigada a cumprir uma longa jornada. Essa luta e conseqüentemente a conquista do acesso das mulheres a ambientes que antes eram exclusivamente masculinos, acabou gerando uma sobrecarga para as

mulheres, que hoje se dividem em uma jornada dupla, tripla, para cumprir todas as tarefas profissionais e domésticas . Apesar das mudanças e conquista de maior mudança e maior liberdade feminina, a figura masculina pouco evoluiu e continua cumprindo com as mesmas obrigações que lhe eram destinadas tempos atrás. Enquanto a mulher hoje sai para trabalhar, é responsável ou colabora para o sustento da família, na maioria dos lares, ainda é obrigação dela manter a casa em ordem, a educação dos filhos e outros cuidados a mais dentro do campo doméstico.

Dá-se uma naturalização da exploração da representação de mulher responsável única ou principal pela ordem no lar, cujo trabalho doméstico além de não remunerado – é invisibilizado, embora contribua para a reprodução do capital. Entretanto, as chamadas “donas de casa” garantem as condições básicas do cumprimento das jornadas laborais diárias: alimentação, limpeza, ambiente limpo e seguro para descanso após a jornada. (Costa; Lima, 2021, p. 96)

Com a popularização do feminismo e a ampliação dos grupos acessados, o movimento foi tomando novos rumos, as mulheres passaram a lutar por novos lugares e conseguiram conquistá-los. Estudiosos, hoje, classificam o movimento em "ondas", como explica Franchini (2017).

A primeira onda aconteceu no século XIX e o grande marco foi a conquista do voto. Ainda de forma elitista, o movimento acontecia apenas nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha. Neste momento, a mulher se torna eleitora e pode, junto aos homens, escolher seus representantes.

A segunda onda data da década de 1960 e é marcada pela luta em busca da igualdade jurídica, as primeiras noções de oposição aos casamentos arranjados e à supremacia masculina. Aproveitando a popularização da comunicação em massa, feministas incentivam mulheres a se posicionarem contra a opressão e direito de posse do marido. A terceira onda teve início nos anos 1990, trazendo questões culturais, sociais e raciais. A participação da mulher negra nesse momento marca o início de uma nova era, o movimento se torna mais possível e viável. (Franchini, 2017).

O surgimento das redes sociais e a ampliação da democratização da informação marcou mais um passo do movimento e trouxe à tona novos questionamentos. Como um movimento que busca igualdade para um grupo pode ser elitista e seletivo? Como representar apenas uma parcela desse grupo e deixar para traz outra parte?

Para explicar o quão falho cada movimento pode ser ao tentar representar um grupo, Kimberlé Crenshaw, defensora dos direitos civis norte-americana e estudiosa da teoria crítica

de raça, usa a palavra interseccionalidade. Definida por Patrícia Hill Collins, a interseccionalidade “é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas”. (Collins; Bilge, 2021, p. 15-16)

A interseccionalidade é uma perspectiva que analisa como as interações entre dois ou mais fatores sociais definem uma pessoa e como essa definição propõe um pré julgamento perante a sociedade.

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. (Collins; Bilge, 2021, p. 16)

Durante as investigações de classes propostas pela interseccionalidade, ela deixa claro o aumento da desigualdade social e como essa desigualdade não se aplica a todos os grupos. Por isso a necessidade de não ver as pessoas como uma única massa homogênea. Para a abordagem interseccional, é fundamental observar como cada grupo (raça, sexualidade, gênero, idade, etc.) posiciona cada pessoa em um lugar diferente no mundo.

Dentro do feminismo, a interseccionalidade ampliou o debate sobre a questão da igualdade do movimento, nos ajudando a enxergar que as mulheres brancas da elite que começaram a pensar o feminismo não buscavam os mesmos direitos que uma mulher negra, de classe baixa, idosa ou que de alguma forma fuja dos padrões branco e rico do começo. As buscas de cada uma mudam de acordo com as vivências, criação, cultura, classe, cor. Pensando dentro desse quadro, pela sua formação inicial, o feminismo se tornou um movimento de reivindicações femininas que, ao mesmo tempo, é capaz de excluir mulheres da sua busca.

Segundo Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo. Igualmente, o movimento negro falha pelo caráter machista. (Akotirene, 2019, p.14)

Essa falha de representação do movimento para com o todo, abriu caminho para que pensamentos distorcidos sobre o assunto se popularizasse. Ainda hoje, existem mulheres que duvidam da necessidade e importância do movimento, questionam sua veracidade e dizem não precisar dos ganhos trazidos por ele. Por outro lado, a internet também ajudou muito na divulgação de ideias feministas, que se espalharam com força, especialmente entre os mais jovens, nos últimos 20 anos. Na verdade, os debates sobre feminismo e gênero, de uma forma

mais ampla, ganham uma força enorme. Por isso mesmo, vêm despertando o ódio e a reação dos que defendem ideias antigas e conservadoras sobre o papel da mulher, gênero e sexualidade.

Isso é reflexo de um pensamento ainda machista de uma sociedade que foi moldada ao redor da imagem masculina. Quebrar esses parâmetros vai muito além de apenas informar as pessoas. Para que uma mudança significativa aconteça, é necessário mexer na base e incluir toda a sociedade, não apenas as mulheres.

Em momento algum acreditei que o movimento feminista devesse ser, e que fosse, um movimento só de mulheres. No mais íntimo do meu ser, sabia que nunca teríamos um movimento feminista bem-sucedido se não conseguíssemos incentivar todo mundo, pessoas femininas e masculinas, mulheres e homens, meninas e meninos, a se aproximar do feminismo. (Hooks, 2018, p. 10).

2.2 CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PAPEL FEMININO

Em uma pesquisa que aparece no livro “Segundo sexo”, escrito por Beauvoir, pré-adolescentes com idades entre 12 e 14 anos disseram ter horror de ser menina, e afirmam ter certeza que 90% das meninas desejariam ser meninos. Todas usavam como justificativa o trabalho do homem ser mais interessante e eles terem maior capacidade para o estudo.

A esse respeito fizeram-se numerosos inquéritos que, quase todos, deram o mesmo resultado: todos os meninos — como Platão outrora — declaram que teriam horror de ser meninas; quase todas as meninas lamentam não ser meninos. Segundo as estatísticas de Havelock Ellis, um menino em cem desejaria ser menina; mais de 75% das meninas gostariam de trocar de sexo. Segundo um inquérito de Karl Pipal (citado por Baudouin em *L'Âme enfantine*) em 20 meninos de 12 a 14 anos, 18 disseram que prefeririam tudo a ser meninas; em 22 meninas, 19 gostariam de ser meninos, e davam as seguintes razões para justificá-lo: "Os homens não sofrem como as mulheres. Minha mãe gostaria mais de mim... O trabalho do homem é mais interessante. Um homem tem mais capacidade para o estudo... Eu me divertiria amedrontando as meninas." (Beauvoir, 1967, p. 37-38)

A presença da mulher sempre fez parte da construção social. Josiane Magalhães, em "Processos de construção sociais, movimentos autogestionários e consciência crítica" cita Berger e Luckman (1999) que definem a construção social como a relação indivíduo e sociedade.

A perspectiva aqui apresentada é de que cada indivíduo, durante o processo de socialização, constrói dentro de si representações acerca do mundo e da sociedade. Essas representações constituem, ao mesmo tempo, sua identidade pessoal, assim como permitem a existência e a manutenção das instituições sociais e, por conseguinte, a sociedade. (Magalhães, 2004, p. 234)

Ao longo da história, conseguimos perceber a figura feminina sempre presente. Apesar de toda essa presença e importância, a imagem da mulher por muito tempo esteve subordinada à figura masculina e o espaço da mulher era limitado ao ambiente de casa e cuidado da família. Essa hierarquia se confirmava desde a infância, até quando a mulher se casava e assumia a responsabilidade por um lar. Desde crianças, as meninas eram criadas de forma diferente dos meninos, desde cedo, às meninas era ensinado que o valor da vida e a felicidade da mulher estaria em encontrar um homem e construir um casamento e, conseqüentemente, uma família e passar sua vida a serviço dessa família. Essa construção que distorce o valor de uma mulher não era direcionada apenas às meninas. Os meninos também foram criados dentro dessa ideologia, acreditando serem superioridades desde crianças e que cabia a eles ir em busca do sustento da família por serem mais inteligentes, resistentes e terem mais capacidade para lidar com as questões do mundo exterior.

Ainda no livro “O Segundo sexo”, Simone de Beauvoir afirma que o fato da mulher se sentir inferior desde a infância acontece por vários fatores. O primeiro citado por ela é aquele que a sociedade impõe. A educação que a menina recebia dentro de casa reafirmava seu lugar de submissão, suas obrigações, direitos e deveres. A passividade que caracteriza a mulher é algo aprendido desde os primeiros anos, o ensinamento de como ser uma boa dona de casa, a ideia de que uma mulher só encontra a felicidade se construir uma família, pois é seu papel servir ao homem que a faz feliz e a sustenta. Para Beauvoir, outro fator que influencia na construção social da mulher submissa é o biológico. É através do corpo que a criança realiza suas primeiras experiências e descobertas, mas é pelo contato das mãos, sensações que a criança começa a compreender o mundo. Neste campo, todas as crianças são iguais, meninos e meninas ainda são incapazes de compreender o que significa a diferença fisiológica que os cerca. Os primeiros sintomas da diferença de gênero começam a se manifestar durante a puberdade da menina. A diferença não é exposta por ela, mas, sim, pelos adultos ao redor, que já começam a definir seu destino, suas funções e, na maioria das vezes, os sentimentos aceitáveis para uma mulher e também para um homem.

Demora muito para que a diferença biológica dos corpos comece a pesar na divisão das tarefas de homens e mulheres. Muito antes de entender sobre seus corpos, meninos e meninas são ensinados pelos pais e pela sociedade sobre qual é o seu lugar. Segundo a autora, com o

passar do tempo e maior discussão sobre os direitos femininos pelas mulheres, elas começaram a analisar também a parte genital. Daí, algumas afirmam se sentirem excluídas até pela natureza, por não terem em seus corpos “um órgão tão cômodo e tão decorativo” (Beauvoir, 1967, p.17)

Beauvoir afirma que se sentia inferior apenas por não ter um um órgão urinário tão cômodo e "decorativo" quanto o dos meninos. Em comparação, disse que se sentia uma chaleira. "Nenhuma chaleira privada de seu bico jamais se achou tão miserável. Ninguém precisou insuflar-me a teoria da predominância e da superioridade masculinas. Tinha uma prova constante sob os olhos" (Beauvoir, 1967, p. 17).

A construção da mulher na sociedade aconteceu de forma imposta, prontamente moldada por um pensamento masculino. Para Nalú Faria e Miriam Nobre (2007), autoras do artigo "O que é ser mulher? O que é ser homem?", ser mulher é ser representante de formas delicadas, simples e educada. Para as autoras, a imagem da mulher é criada a partir de signos antagônicos de Eva e Maria, bruxa e fada, mãe e madrasta. Essas definições deixam claro o que a sociedade acredita e valoriza: a mulher que é boa, educada, submissa ao homem tem sua imagem exaltada como boa (Maria, mãe e fada). Já a mulher que mostra sua opinião e em algum momento se revela contra esse modelo de padrão é vista como má ou pecadora (Eva, bruxa e madrasta). Essa construção de papel bem definida deixa claro a imposição de deveres e normas de conduta esperadas da figura feminina.

Tudo contribui para confirmar essa hierarquia aos olhos da menina. Sua cultura histórica, literária, as canções, as lendas com que a embalam são uma exaltação do homem. São os homens que fizeram a Grécia, o Império Romano, a França e todas as nações, que descobriram a terra e inventaram os instrumentos que permitem explorá-la, que a governaram, que a povoaram de estátuas, de quadros e de livros. A literatura infantil, a mitologia, contos, narrativas, refletem os mitos criados pelo orgulho e os desejos dos homens: é através de olhos masculinos que a menina explora o mundo e nele decifra seu destino. A superioridade masculina é esmagadora. (Beauvoir, 1967, p. 30)

Apesar da moldagem das imagens ocorrer a partir dos signos, Silvana Mota-Ribeiro, autora de "Retratos de mulher", acrescenta que a construção da imagem é um processo cultural e a imagem de cada pessoa reflete a cultura, sociedade e criação do meio em que ela está incluída, ou seja, para cada pessoa o que define o ser pode variar de acordo com a cultura local. Tanto o homem como a mulher compreendem quem são a partir dos signos com os quais têm contato desde o nascimento, que afetam toda a formação do ser.

Mas é essencialmente a partir do processo de socialização que os indivíduos distinguem o masculino e o feminino como categorias estanques, dadas à partida, e adquirem uma identidade baseada no sexo. Esta é aliás, uma das mais importantes dimensões do processo de socialização e criação de identidades. (Mota-Ribeiro, 2005, p. 17)

Complementando o pensamento de Beauvoir, a autora Evelyn Reed, no livro “Sexo contra sexo ou classe contra classe”, afirma que as mulheres nunca viram essa desigualdade como um problema, isso aconteceu a partir do momento em que a sociedade de classe é instaurada. Esses questionamentos surgem a partir do momento que jovens rebeldes sentem instintivamente que, em algum momento e de alguma forma, foram submetidas á escravidão e colocadas em um estado de inferioridade. Além disso, a autora afirma que foram as mudanças sociais que as instituições das classes patriarcais trouxeram para a família, Estado e propriedade privada que trouxeram essa nova sociedade. Visto que, no mundo antigo antes das sociedades se expandirem e proporcionarem uma nova formação para a sociedade, as mulheres viviam livres, tinham filhos, maridos, cuidavam de suas famílias, mas nunca se julgarem inferiores aos homens.

Quando passamos do mundo animal para o mundo humano antigo, não encontramos a família. Encontramos a cena materna ou clã. Em outras palavras, a sociedade antiga não era somente um matriarcado, mas um fratriarcado - uma "irmandade" de homens. Para as crianças, todas as mulheres maiores eram mães, e todos os homens maiores eram "irmãos das mães" ou "tios maternos". (Reed, 2008. p.42)

Neste sentido, entendemos que a inferioridade da mulher foi algo construído ao longo dos anos, e reforçado pelas sociedades, já que nas sociedades tradicionais a mulher era o pilar da família, a maternidade era considerada um grande dom da natureza.

Sempre nos dizem que as mulheres foram sempre o sexo inferior, e isso devido as suas funções de progenitoras. A mãe natureza é responsabilizada pela degradação das mães de raça humana. Uma vez mais, a antropologia nos ensina exatamente o contrário. Não foi a natureza, e sim a sociedade de classes, a responsável pela desigualdade sexual. (Reed, 2008, p. 53)

2.3 A MULHER NA TV BRASILEIRA

Entre os diversos campos que ajudam a construir socialmente a imagem da mulher, a mídia tem lugar privilegiado, pelo alcance das suas produções, especialmente audiovisuais. Por isso iremos, a partir daqui, abordar a imagem feminina na televisão. É necessário lembrar como a imagem feminina tem sido construída na vida em sociedade, visto que a televisão nada mais é que uma representação das construções sociais. Para a escritora Silvana Mota-Ribeiro, o fato de se nascer homem ou mulher não interfere em nada, o que define o gênero não é a questão biológica e, sim, todo o processo cultural no qual todo ser humano está inserido desde o início da vida: "Se gênero é culturalmente fundamentado, aquilo que significa ser mulher ou homem varia de cultura para cultura" (2002, p. 7).

Com essa diversidade de formas de ser alguém, a televisão acaba se tornando um meio importante nessa criação do imaginário das pessoas à medida que chega a casa de todos. Com um trabalho de imagens, a televisão é um grande espelho que reflete e afirma aparências. Nela é possível ver todo um corpo, um personagem, uma paisagem ou um mínimo detalhe.

A perfeição que ela traz, o lado belo de todas as coisas, acaba desencadeando uma distorção na percepção das pessoas que passam a se basear nas imagens refletidas naquela tela e acabam buscando jeitos de se tornar parecido com alguém famoso para ser reconhecido e visto de forma aceitável por todos. Ao longo do tempo, os sentidos foram se transformando e até chegar à televisão, o sentido de aparência e o que ela representa se modificou.

Em "Sexo contra sexo ou classe contra classe", Evelyn Reed faz um resgate das mudanças em relação ao significado da aparência ao longo do tempo. Antes, as pinturas e maquiagens serviam como forma de identificação de um povo, homens e mulheres. Qualquer indivíduo que pertencesse a uma família, um grupo tinha a necessidade de está marcado. Mais que pinturas, esses sinais contam a história de cada indivíduo.

Depois da sociedade de classes, as marcas e símbolos foram transformadas em seu oposto.

Na sociedade moderna, a beleza natural das mulheres, na realidade, não conta. Inclusive, insinua-se que a natureza abandonou as mulheres no que diz respeito a sua beleza. Para recuperar a sua falta de atrativos e suas deformações, devem recorrer a ajudas artificiais que os gentis industriais colocam a sua disposição. (Reed, 2008, p. 112)

Ainda segundo Reed, existem três tipos de especuladores que têm o poder de persuadir e fazer com que as mulheres gastem dinheiro em busca da beleza. O primeiro é: a manipulação do corpo feminino, a medida certa e tamanho da moda. O segundo, os que enchem os corpos já

manipulados pelas medidas de cremes e perfumes e o terceiro é aqueles que enfeitam o corpo manipulado com jóias e roupas da moda.

Considerada hoje a maior e mais influente canal de televisão no Brasil, a Rede Globo de Televisão, por anos a fio, tem sido líder de audiência e, por consequência, sua programação exerce grande influência.

A primeira transmissão em TV aberta para o grande público foi feita pela extinta TV TUPI em 18 de setembro de 1958. Antes vista como artigo de luxo e pertencente apenas às famílias de alta classe, a partir de 1970 o objeto ganha popularidade e passa a fazer parte da grande maioria dos lares brasileiros, o que prevalece até hoje. Mesmo com a popularização da internet e a chegada de outros meios, a TV mantém sua fama e segue fazendo parte do cotidiano de muitos por todo mundo.

Para a escritora e uma das colaboradoras do livro "História da televisão no Brasil", Ana Paula Goulart, esse fascínio pela televisão acontece porque, na década de 50, o televisor detém o poder de moldar novas formas para o coletivo. Ela teria a capacidade de permitir que o indivíduo consiga alcançar visualmente lugares distantes. Mas, além do seu papel de distração, que possibilita ao telespectador ter acesso a diferentes lugares e culturas, a televisão no Brasil se fundou em base política e econômica que prevalece até hoje. É quase uma "obrigação" da televisão gerar lucro e influenciar as pessoas.

Desde o seu início, a televisão brasileira teve uma característica: todas as 183 emissoras hoje em funcionamento estão sediadas em áreas urbanas, suas programações são dirigidas às populações urbanas, são orientadas para o lucro (com exceção das estações estatais) e funcionam sob o controle direto e indireto da legislação oficial existente para o setor. O modelo de radiodifusão brasileiro, tradicionalmente privado evoluiu para o que se pode chamar de um sistema misto, onde o Estado ocupa os vazios deixados pela livre iniciativa, operando canais destinados a programas educativos. (Mattos, 1990, p. 6)

Segundo Luiz Felipe Miguel, nas sociedades contemporâneas, a capacidade de representação da realidade está centrada na mídia, e o maior meio de comunicação social é a televisão. Quando chegou ao Brasil, o meio de comunicação mais popular era o rádio e a TV passou por um longo processo até se tornar um grande meio de comunicação em massa. Esse processo passou por várias fases e atravessou momentos marcantes da história. Quando chegou ao país, no século XX, a televisão era elitista e privada, somente no fim dos anos 60 e durante os 70 o objeto ganhou poder, chegou a grande parte das casas brasileiras e veio a se popularizar. Coincidentemente, a popularização nos anos 70 esbarrou com a ditadura, regime que teve como um dos principais marcos a repressão à liberdade de expressão.

Nesse momento, a TV cravou o que seria sua fama: um meio de comunicação e também de doutrinação da massa. Para muitos, o que aparece na televisão tem grande valor perante a sociedade, podendo, assim, influenciar o pensamento de toda uma população, um exemplo disso seriam as telenovelas. A forma como elas conversam com o público e conseguem lançar moda do dia para a noite é algo perceptível. Esse poder de dialogar com o telespectador por meio das tramas é tão presente que, mesmo hoje, na era digital um dos principais assuntos das redes é o que acontece nas tramas que acontecem dentro das telas. Para Ana Clara de Freitas Resende, “[...] a televisão, mais acessível ao grande público, aliada ao despertar do potencial da imagem e seu caráter documental, voltou-se para entreter e doutrinar o povo” (2008, p.4). Com formas estratégicas, a mídia desbancou o rádio e conquistou grande público, usando de técnicas de comunicação e assuntos que movem o interesse social e artes que mexem com o imaginário.

A comunicação é o processo da troca de experiências para que se torne patrimônio comum. Ela modifica a disposição mental das partes envolvidas e inclui todos os procedimentos por meio dos quais uma mente pode afetar outra. (Alexandre, 2001, p. 113)

Os meios de comunicação em massa funcionam para grandes públicos e esse público é anônimo para o emissor, mesmo que o assunto seja direcionado a um público específico. Essa comunicação em massa gera uma cultura em massa. Essa cultura vem recheada de opiniões moldáveis, histórias surreais criadas para entretenimento do público e grande influência das representações sociais. Essas representações nada mais são do que a reprodução do papel de cada indivíduo dentro da sociedade.

Por meio das produções televisivas, a divulgação desses papéis por novelas, séries ou programas acaba legitimando essas representações, muitas vezes estereotipadas. Segundo Eagly e Steffan (1984) como citado por Tainá Pereira e Camila Claudiano (2020), os estereótipos são generalizações sobre algumas pessoas baseando-se em determinado grupo. Os papéis sociais são definidos por atividades diárias realizadas pelas pessoas tanto em grupo familiar como em sociedade. Quando se fala em televisão e a influência que esse meio exerce, os papéis atribuídos aos indivíduos contribuem fortemente para essa afirmação dos estereótipos e como consequência acaba afetando a crença dos telespectadores.

As telenovelas objetivaram exatamente este diálogo entre televisão e vida social, mostrando, por um lado, a incidência da novela nas conversações e hábitos cotidianos - através da participação afetiva dos telespectadores no desenrolar da trama, do lançamento de modas, da criação de ídolos e vilões.

Por outro lado, é também nítido, nas telenovelas, o reflexo - seja na construção do enredo, no perfil e trajetória dos personagens, nas temáticas tratadas, nos eventos mencionados - de questão, valores, acontecimentos que marcam. (França, 2009, p. 30)

A primeira mulher a aparecer em um programa na TV aberta e ganhar foi Miriam Simone em 1950 (S. Paulo Zona Sul, 2020), quando Assis Chateaubriand trouxe a televisão para o país, a atriz foi convidada a fazer parte da primeira transmissão ao vivo. Apresentadora de rádio, atriz da extinta TV TUPI, seu primeiro trabalho foi no rádio, respeitada e admirada por muitos, sua imagem foge dos estereótipos que a televisão criou e usou para retratar a imagem feminina por anos.

Por muito tempo, a imagem feminina dentro da televisão era limitada e seguia e reforçava a imagem construída pela sociedade. Programas de auditório, novelas e propagandas eram voltadas para um público específico: a mulher dona de casa. Programas de sucesso como “Cassino do Chacrinha” e “Programa Silvio Santos” .

Esse paradigma dos programas e suas programações começa a se modificar nos anos 80. Outras mulheres começam a ganhar destaque dentro da TV, falando para outras mulheres e trazendo atenção para outros assuntos e reafirmando outras capacidades femininas.

Considerada por muitos a rainha da televisão, Hebe Camargo foi a primeira mulher a apresentar um programa voltado para o público feminino, em 1955, “O mundo é das mulheres”, da TV paulista. Símbolo de beleza, foi ela a responsável por abrir o leque de pautas femininas e novos caminhos para as mulheres dentro da hegemonia masculina.

Um dos programas de maior destaque da Rede Globo durante os anos 80 era o “TVmulher”. Um programa de variedade voltado para o público feminino, trouxe para a televisão discussões sobre sexualidade, a discriminação das mulheres em todos os setores, a legalização do aborto, a necessidade de creches para as crianças, e a divisão do trabalho doméstico, e outros temas relacionados ao universo feminino. Apresentado por Marília Gabriela, o programa colocava em pauta assuntos antes impensados pelas mulheres, escancara a desigualdade de gênero, a sobrecarga da mulher na função doméstica, além de discutir assuntos pouco tratados como primeira menstruação e como quebrar o tabu da questão sexual. O programa, exibido entre os anos de 1980 a 1986, foi um sucesso, chegando a ter episódios com quase 4h de duração. Ney Lima, diretor do programa, em entrevista concedida ao Estado de Minas em 2021, afirmou que a intenção era ter um programa voltado para a mulher justamente na época em que ela a imagem feminina começava a ficar mais presente na sociedade. (Estadão conteúdo, 2021)

Entendemos que a memória da representação feminina é construída pelo TV Mulher, em 1980, quando registra as transformações sociais das mulheres e, em 2016, quando cria seu remake com intuito de retratar os mesmos temas de forma atualizada, criando, assim, um perfil da mulher em duas épocas separadas por 36 anos. A abordagem de 1980 era pedagógica, com o intuito de preparar suas telespectadoras para um mundo que estava se abrindo para elas. Em 2016, os temas são mais críticos e questionadores sobre o que não mudou em 36 anos. (Porcello; Brites, 2018. p.96)

Passados 43 anos desde sua estreia, o programa em 2016 voltou à televisão pelo canal Viva, afiliado à Rede Globo e trouxe à tona como as discussões de 40 anos atrás ainda se fazem presentes, algumas como tabu e outras como direitos alcançados pelas mulheres.

Após essa abertura histórica que os programas de auditório trouxeram para a televisão, muitas mulheres se consolidaram como apresentadoras, conseguiram atrair o público, tornaram-se populares e sustentaram com qualidade programas que assistimos até hoje. Ana Maria Braga, apresentadora do Mais você, Gloria Maria, Hebe Camargo, e muitas outras hoje são exemplos de programas de qualidade, de imagens femininas que estão em exibição há um tempo, que conquistaram lugar, sua fama e em termos quebraram paradigmas da imagem da mulher padronizada, que atrai olhares. (Freitas, 2022)

Mesmo após essa aparição das mulheres em outros programas na televisão, ficou claro o tipo de programação e o estilo das mulheres que faziam parte dele. Mesmo o corpo feminino não sendo a atração principal, as mulheres seguiam um único padrão: magras, geralmente loiras, brancas, cabelos lisos, sempre adornadas e maquiadas.

No livro "O mito da beleza: como as imagens das mulheres são usadas contra as mulheres", a autora Naomi Wolf afirma que essa onda da beleza, do padrão ideal, é a única que não conseguiu ser desfeita pela segunda fase do feminismo.

A reação contemporânea é tão violenta, porque a ideologia da beleza é a última das antigas ideologias femininas que ainda tem o poder de controlar aquelas mulheres que a segunda onda do feminismo teria tornado relativamente incontroláveis. (Wolf, 2018, p. 13)

Em todas as formações de sociedade o padrão do que é considerado ideal estava presente. Após a Revolução Industrial e a entrada das mulheres no mercado de trabalho, as empresas começaram a modificar a divulgação de seus produtos.

A sociedade é uma formação de poder, lugar onde um sempre vai ter poder sobre outro, com isso, era necessário uma nova forma de poder sobre as mulheres que começaram a entender e

buscar a igualdade dentro dessa sociedade. Usar a beleza feminina como uma arma política de controle se tornou crucial. Mulheres instruídas e livres em algum momento não se sentem tão livres e sentem vergonha de admitir que esse sentimento de falta de liberdade está ligado a questões de aparência, corpo, rosto, cabelo. Assuntos que ganharam uma enorme importância para a figura feminina.

As mulheres prósperas, instruídas e liberadas do Primeiro Mundo, que têm acesso a liberdades inatingíveis para qualquer outra mulher até agora, não se sentem tão livres quanto querem ser. E já não podem restringir ao subconsciente sua sensação de que essa falta de liberdade tem algo a ver com questões que realmente não deveriam ser importantes. Muitas sentem vergonha de admitir que essas preocupações triviais — que se relacionam à aparência física, ao corpo, ao rosto, ao cabelo, às roupas — têm tanta importância. No entanto, apesar da vergonha, da culpa e da negação. (Wolf, 2018, p. 11)

Toda essa movimentação em torno da figura feminina, acabou virando uma moeda de troca entre os homens. Ao longo do livro, Wolf explica que, na década de 40, foram tiradas as primeiras fotos de prostitutas nuas e anúncios com imagens de belas mulheres começaram a ser usadas para chamar atenção. Com o passar do tempo, a imagem da modelo jovem e magra passou a ocupar o lugar da feliz dona de casa, os parâmetros de feminilidade bem sucedida foram se modificando.

Toda essa mudança acaba excluindo propositalmente outros tipos de aparência, as mulheres negras e as idosas. Sobre as mulheres idosas, a autora afirma que essa distinção tende a acontecer de forma mais agressiva, o envelhecer é visto como algo ruim e colocado como tal. Isso tende a acabar com a ligação das mulheres mais jovens com as de idade mais avançada, isso porque elas já viveram diversas experiências, por consequência, detêm algum conhecimento e essa relação entre pessoas de faixas etárias distintas poderia ser prejudicial ao poder hierárquico da sociedade.

O envelhecimento na mulher é "feio" porque as mulheres adquirem poder com o passar do tempo e porque os elos entre as gerações de mulheres devem sempre ser rompidos. As mulheres mais velhas temem as jovens, as jovens temem as velhas, e o mito da beleza mutila o curso da vida de todas. (Wolf, 2018, p. 11)

Todo esse processo de manipulação acabou levando a mulher a buscar a imagem perfeita, uma exibição sem sentido, comparações dolorosas e o medo de uma velhice que assombra.

Em seu artigo chamado "a imagem das mulheres nas propagandas televisivas: uma análise na perspectiva de gênero" Luz Amparo Lopez-Barreyo, explica que, os meios de comunicação de massa, surgiram junto a uma sociedade industrial e urbana. A mídia é um lugar de criação e circulação de sentidos que ajudam na construção de identidades visuais, no artigo, a autora utiliza as propagandas como exemplo, uma vez que os programas de tv detém grande audiência, as propagandas apresentadas durante o intervalo dos programa são vistas por milhares de pessoas e na maioria das vezes voltadas para um único público, com estereótipos e comportamentos que acreditam ser o único, real e aceitável.

A propaganda utiliza-se disso, fazendo referência constante a esse papel “cuidador” (dos outros e de si mesmas) que as mulheres teriam “naturalmente”. Esse papel é acompanhado de outros estereótipos, que mostram e moldam o ideal de comportamento dos indivíduos do sexo feminino na sociedade ocidental atual. As propagandas estão presentes em nossas vidas desde muito cedo, ao ponto de serem naturalizadas por nós – elas passaram a fazer parte de nossas vidas. Elas passam ideologias, ideias, incluindo ideais dos papéis sociais que devem ser desempenhados, por exemplo, pelas mulheres, o que muitas vezes recai em estereótipos simplistas e discriminadores. (Barreyo, 2017, p. 43)

Essa representação seletiva, a exposição da mulher ao longo do tempo acabou distorcendo e criando um ideal de mulher que está longe das que vivem e movimentam a sociedade no dia a dia, a grande parte do público feminino muitas vezes não se reconhece nas imagens que são mostradas na tela dos aparelhos. Isso é melhor falado no próximo capítulo, a exposição da mulher dentro da televisão e sua participação nos programas de auditório.

CAPÍTULO 3

PROGRAMA DE AUDITÓRIO

No contexto midiático da televisão se destacam até hoje os programas de auditório. Responsáveis por manter grande parte da audiência, conciliam histórias reais cômicas, tragédias, buscando estimular alegria e a participação do público.

O gênero ganhou contornos próprios da televisão com tom popular de divertimento. Em entrevista para esta pesquisa, o diretor Ignácio Coqueiro, do programa Hora do Faro, afirma que o programa de auditório se utiliza da união entre jornalismo e dramaturgia para a sua concretização: “Ele tem uma linha, é trabalhado em cima de esquetes, dois tons acima do programa de dramaturgia, um tom diferente do jornalismo, tudo com inflexão, às vezes com o tom, ou com volume de voz.” (2015). (Oliveira; Silva, 2016, p. 5)

Todo o formato do programa é voltado para atrair o público e prender a atenção do telespectador. Jesus Martín-Barbero, no livro "Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia", afirma que a televisão assume e forja o que ele chama de dispositivos de contato e direito. Isto é, o que se passa no aparelho de TV é visto como uma distração em relação ao cotidiano privado, introduzindo o mundo da ficção e do espetáculo na rotina cotidiana do público. Para manter essa comunicação entre o mundo produtor e o receptor, a televisão busca dois intermediários: personagem tirado do dia a dia e o apresentador. É dele o papel de fazer com que essa interação aconteça de forma clara, objetiva, casual e divertida.

O apresentador-animador - presente nos noticiários, nos concursos, nos musicais, nos programas educativos e até nos "culturais", para reforçá-los mais do que um transmissor de informações, é na verdade um interlocutor, ou melhor, aquele que interpela a família convertendo-a em seu interlocutor. Daí seu tom coloquial e a simulação de um diálogo que não se restringe a um arremedo do clima "familiar" (Martín-Barbero, 1987, p. 294)

Além de todo esse mecanismo entre os homens, a parte técnica também faz diferença. A forma como os estúdios são montados (na maioria das vezes em forma oval) permite maior interação entre o auditório, apresentador e câmera; o palco ganha boa iluminação, desenhos em telões que são colocados atrás do apresentador (na maioria das vezes de formas geométricas); músicas de fundo; apresentação de artistas; em alguns competições, gincanas e brindes.

As câmeras enfocam uma mesma cena a partir de vários ângulos. Alternam-se dos planos mais abertos, para os mais fechados, e vice-versa. O enfoque nas celebridades ocorre quando o assunto é curioso, ou emocional, por meio de planos mais fechados. Em números musicais, os movimentos de câmera são alternados de baixo para cima, de cima para baixo e de um lado para o outro,

em velocidade, somados à aplicação de luzes em movimento, para transmitir uma sensação de magia, sonho e agitação. (Oliveira; Silva, 2016, p. 6).

Pesquisadores afirmam que a fórmula do programa de auditório tem permanecido a mesma com o passar dos anos, demonstrando a sua capacidade de se adaptar e incluir um pouco de tudo. Na era da internet, os programas de grande público permanecem no auge por serem vistos como uma festa da classe popular. Eles têm suas características próprias, mas podem carregar junto de si um pouco do rádio, das telenovelas, dos programas jornalísticos, esportivos e outros.

O programa de auditório está ligado ao “gosto” popular brasileiro na televisão, e se fortalece no processo de identificação por meio das estratégias de produção. Não é teatro, revista, não é circo, não é musical, não é game, não é rádio, ele pode ser um pouco de cada. É o gênero que mais se aproxima das festas populares. (Oliveira; Silva, 2016, p. 12)

Feito para o grande público, o formato programa de auditório foi se fortalecendo com estratégias, criando uma relação de proximidade com o público, proporcionando ao telespectador aquilo que ele desejava. A possibilidade de conhecer o ídolo, a comoção ao contar histórias de pessoas carentes, além de matérias e exposições que mostram problemas sociais. A junção de todos esses pontos acabam gerando audiência e consequentemente patrocinadores, marcas famosas acabam pagando para aparecer por alguns segundos no programa. O retorno disso se dá em números, seja na contagem do dinheiro para as empresas ou na audiência para a TV.

3.1 O FORMATO PROGRAMA DE AUDITÓRIO

Os programas de auditório em sua maioria possuem a formação básica de palco, posição das câmeras, apresentador e plateia. Uma estrutura pensada para despertar e prender a atenção dos telespectadores para consumir o produto. Pesquisas defendem que os programas de auditório fazem tanto sucesso por serem a representação do seu público popular, por “ter o gênero uma gramática própria, como se fosse uma codificação, entendida por produtores e receptores, de maneira a criar uma cumplicidade que é a chave da comunicação” (Torres, 2004).

Essa representação e identificação do público acontece porque os programas buscam pautas que interessam a esses grupos. Debates que abordam problemas sociais, desigualdade e

histórias de vida prendem a atenção do telespectador e em algum momento geram identificação com o fato contado.

Segundo Carmen Ligia Torres, autora do artigo "Programas de auditório: Um gênero mostrando a resistência da expressão popular nos meios de comunicação em massa", o gênero programa de auditório define uma estratégia de comunicação entre as lógicas do sistema e as lógicas de uso. E é por isso que o público consegue entender o que faz sentido. O gênero pode ser entendido como um facilitador para atrair e manter a fidelidade do telespectador.

O fato de a produção televisiva utilizar-se de mecanismos de mercado para captar os elementos do gênero, que se originam num tempo e num espaço específicos, não anula o valor do estudo da relação do gênero com a recepção para a compreensão do fenômeno da comunicação e detecção do espaço de resistência na luta pela hegemonia. Ao contrário, a articulação dos dois pólos do mesmo processo e a relação que se estabelece entre estes dois pólos – produção e recepção – é que revela a sociedade, ou, de forma mais específica, a cultura da qual estamos falando. Neste sentido, o gênero se transforma de acordo com as diferentes culturas onde o produto televisivo se constrói. (Torres, 2004, p. 5)

Falando do gênero espectador, acredita-se que exista uma hierarquia entre produção e público que consome o produto programa de auditório. Por muito tempo, os sentidos atribuídos a esses programas foram pejorativos, conseqüentemente, os consumidores desses programas eram considerados como pessoas de pouco conhecimento, baixa escolaridade e poder aquisitivo. Em 1952, uma reportagem publicada pela Revista Manchete, em sua coluna "O mundo em Manchete", definiu a televisão como "*um invento que permite a pessoas que não têm nada para fazer ficarem olhando para pessoas que não sabem fazer nada*" (Revista Manchete, Editora Bloch, 1952). Nesse sentido, as relações são organizadas de acordo com a classe, assim, uma perspectiva que hierarquiza as culturas é algo presente. Essa cultura de massa, feita para a massa, nessa perspectiva, Máira Muhringer, em "Programa de auditório como uma prática cultural", cita algumas entrevistas que realizou com mulheres que participavam ativamente dos programas de auditório. As entrevistas acabaram confirmando que, ainda hoje, o público predominante desses programas é formado por mulheres de meia idade, separadas, com baixa escolaridade e residentes em bairros periféricos da cidade de São Paulo. Para elas, fazer parte da plateia de um programa que será exibido na TV é, sim, um momento cultural.

Ter como prática cultural a ida a programas de auditório é significado de muitas maneiras pelas integrantes da caravana. Em certa medida, julgam que sua atividade é mal vista, pois abarcaria (aos olhos daqueles apartados de seu processo de produção) pessoas "desocupadas", "coisa de vagabundo". Ao contrário, para elas, como possuem outras atividades tanto familiares e

domésticas quanto profissionais, seria, além de um momento de diversão e de distanciamento da realidade, uma forma de sacrifício. (Volpe, 2017, p. 101)

Em um estudo realizado em 2017, chamado "Programa de auditório como uma prática cultural: gosto de classe, hierarquia simbólica e legitimidade cultural", a pesquisadora Maíra Volpe entrevistou um grupo de mulheres que tem como passatempo a ida a programas de auditório. Para elas, essa ida é um grande evento no dia, é a chance de escolher a melhor roupa, arrumar os cabelos, fazer alguma maquiagem. Para elas, essa participação nos programas não tem nada de negativo, pelo contrário, aquele momento é a chance de muitas mulheres se mostrarem. A possibilidade de estar em contato com os artistas, serem vistas por seus familiares e amigos do outro lado da tela, é uma experiência positiva. Clara e Carla, mulheres que foram entrevistadas pela pesquisa, apontam apenas pontos positivos nessa participação, a questão da identificação com as histórias mostradas, a possibilidade de sair da realidade vivida e até mesmo a chance de ajudar seus vizinhos e família quando participam de provas e ganham algum prêmio.

Essa proximidade também faz com que as integrantes da plateia entrem em contato com os artistas em seu cotidiano de trabalho. Ao observá-los, pensam em si próprias, comparam-se, e pensam na diferença entre vê-los na tela e na gravação. Estar nas gravações, além de assistir aos programas em casa, faz com que essas mulheres aprendam sobre si e sobre a própria televisão. (Volpe, 2017, p. 115)

Ao longo da pesquisa, Muhringer explica que essa divergência entre os frequentadores dos programas e outras pessoas que o julgam como "ruim" acontece porque os sentidos atribuídos a esses programas não é algo evidente para seus frequentadores. Para as mulheres que se dedicam a essas caravanas, a televisão é algo positivo. A participação em programas é importante porque lhes permite sair do ambiente familiar e, em muitos momentos elas se sentem recompensadas por conta dos ganhos obtidos com essa participação. E é essa prática cultural que lhes permite acessar outro universo.

Dentro do universo televisivo, alguns programas ganham mais destaque que outros. Isso acontece por diversos motivos, entre eles: assuntos que estão em alta, público alvo, linguagem usada, formato de produção, aspectos visuais e outros. Dentro desse formato de auditório, a TV Globo se destaca por manter uma constância em sua audiência. Em pesquisa divulgada pelo site "A crítica 43", em 4 de fevereiro de 2022, mostra a Rede Globo como líder isolada de audiência, marcando 31,2%, e a Record TV, segunda colocada, apresenta apenas 11,2% de audiência. Os números mostram a estabilidade da emissora que mesmo na era da

comunicação digital consegue manter seu público e atrair novos telespectadores. Isso se dá diariamente com programas que trazem assuntos que estão em alta na sociedade, que apresentam a opinião de especialistas e que promovem um diálogo mais aberto e direto com o público.

3.2 PROGRAMAS DE AUDITÓRIO DA TV GLOBO

Consolidada dentro do ambiente midiático, o grupo Globo surgiu em 1925, como jornal impresso "O Globo". Em 1934, após a morte do então fundador Euricles Marinho, seu filho Roberto fundou a rádio "O Globo". Somente no ano de 1951, a Globo conseguiu uma concessão para começar seu canal de televisão, mas, apenas no ano de 1957, ela começa suas atividades como um canal de televisão. Desde a época do rádio, a emissora sempre garantiu um bom número na questão audiência, o que ajudou a se consolidar e garantir seu espaço.

A Globo foi o primeiro canal no Brasil a projetar e construir um espaço especialmente para abrigar uma emissora, sem a necessidade de adaptar-se em antigos teatros ou cassinos. O prédio foi elaborado com estúdios modernos, sonorização planejada, entradas adaptadas à circulação das equipes, tráfego de cenários e equipamentos, camarins anexos aos estúdios, produção e escritórios. Roberto Marinho se inspirou no modelo da WFBM, emissora dos Estados Unidos. (Grupo Globo história, 2022)

Todo esse investimento ajudou a consolidar a maior emissora do país, que rapidamente conseguiu perceber o retorno dos investimentos e inovar em novas áreas.

A Globo estreou às 11h do dia 26 de abril de 1965. Já com uma programação que atendia a todas as ideias, um programa infantil para as crianças, programas jornalísticos, novela e programa de entrevista.

Além disso, a emissora passou a investir no esporte. Sempre com grandes nomes à frente de sua programação.

A Globo estreou às 11h do dia 26 de abril de 1965. O então diretor-geral da Rádio e da TV Rubens Amaral apresentou a emissora aos telespectadores do Rio de Janeiro e do estado da Guanabara. O primeiro programa foi o infantil *Uni-Duni-Tê*. Na programação do dia, uma variedade de atrações, como o jornalístico *Tele Globo*, a novela *Ilusões Perdidas*, e o programa de entrevistas *Show da Noite*, apresentado pelo ator Gláucio Gill. Além dos jornais e programas de entretenimento, a Globo passou a investir no esporte, segmento que se fortaleceu ao longo dos anos. Em 1965, foi exibido o amistoso de futebol Brasil X URSS. No ano seguinte, foi ao ar a primeira mesa-redonda de futebol da Globo, a *Grande Resenha Facit*, que reunia

comentaristas de renome, como Nelson Rodrigues, João Saldanha e o jornalista Armando Nogueira, que assumiu a direção do jornalismo da TV Globo em setembro de 1969, tendo permanecido até 1990. (Grupo Globo história, 2022)

Com espaço sendo conquistado e ganhando credibilidade, Roberto Marinho, responsável pela marca Globo, continuou investindo e expandindo. Em 1965, comprou a TV Paulista, que passou a se chamar TV Globo São Paulo e travou a estratégia de comprar canais que já possuíam concessão e adesão de retransmissoras regionais para atuar como afiliadas.

Em 1966, a marca Globo inova mais uma vez, ao colocar os repórteres e câmeras na rua para fazer a cobertura das enchentes que na época deixaram mortos e feridos no Rio de Janeiro. A emissora ganhou o público ao ajudar na campanha dos desabrigados. E, em 1967, a Globo desenvolve a grade de programação horizontal, em que um programa transfere a audiência para o outro.

A base da grade criada em 1967 ainda permanece no ar, com o horário nobre formado por duas novelas, o *Jornal Nacional*, uma terceira novela e uma atração especial. Além da constante modernização dos equipamentos, Roberto Marinho sempre investiu em talentos. O lançamento da TV Globo aqueceu o mercado de dramaturgia no Brasil, atraindo muitos atores e artistas. O mesmo aconteceu com o jornalismo e esportes, formando centenas de profissionais no telejornalismo. (Grupo Globo história, 2022)

Falando em números, os programas, novelas e telejornais atendem a 100% da população que assiste à TV aberta, além de aumentar seus números alcançando a população através do rádio, jornal impresso, sites e portais.

Na televisão, grande parte da audiência pertence aos programas de auditório. Na Rede Globo, programas como "Domingão do Faustão", "Altas Horas" e "Caldeirão do Huck" se mantêm no ar há bastante tempo¹. Dentro da grade de horários em que são exibidos, são líderes de audiência em comparação com programas que possuem o mesmo formato e horário de exibição em outras emissoras.

Um exemplo de programa que preserva essa montagem clássica do palco em formato de arena, mas tem uma ligação com o público é o objeto a ser analisado, o Altas Horas. O produto em análise estreou na TV Globo em 14 de outubro de 2000. Apresentado por

¹ Domingão do Faustão estreou na Rede Globo em 26 de março de 1989. O programa reúne quadros com artistas, apresentações musicais e quadros de competições. Apresentado por Fausto Silva, desde sua estreia o programa segurou grandes números de audiência. Em 2021, após 32 anos à frente do programa, o apresentador conhecido como "Faustão" deixou de ser a imagem principal do programa, passando seu lugar para o apresentador Luciano Huck, que para assumir o programa aos domingos abriu mão do "Caldeirão do Huck", programa de auditório com o mesmo formato do "Domingão do Faustão" que ia ao ar nas tardes de sábado.

Serginho Groisman, o programa, desde sua estreia, aposta em uma mistura bem humorada de jornalismo, músicas e atualidades. Tem uma banda exclusiva, além de sempre contar com convidados e uma plateia jovem que sempre participa das discussões propostas durante o programa. Este formato foi pensado para atrair e integrar o público, promovendo uma proximidade que o deixa à vontade para participar.

Desde a estreia, o cenário mantém o mesmo formato de arena, que faz parte da dinâmica do programa, com arquibancadas à volta, onde fica a plateia. Embora o cenário tenha passado por algumas transformações ao longo do tempo, o conceito se mantém. A ideia é promover aproximação e espontaneidade, estimulando a conversa. Para isso, não há qualquer divisão de espaços, a banda está sempre junto ao público, e ambos, inclusive os convidados, recebem o mesmo tipo de iluminação branca, sem nuances. A opção por uma plateia jovem também dá o tom do programa, que é gravado em São Paulo, “como se fosse ao vivo” (Groisman, 2021)

Apesar das mudanças no cenário e na sua montagem ao longo do tempo, o programa preserva até hoje seu formato inicial: a participação ativa do público, artistas que estão em destaque na mídia, especialista, além de apresentar em suas pautas assuntos que mexem com a opinião popular, que trazem informação, diversão e opiniões. Assim como definiu o apresentador: “É um programa feito para muita gente, de diferentes idades, de diferentes poderes aquisitivos”. (Groisman, 2007).

Apesar de conservar essa construção típica dos programas de auditório, o "Altas Horas" se distingue em determinados pontos que chamam a atenção. O principal deles é a diferença no modo como a imagem da mulher é abordada no programa. No formato programa de auditório, estamos acostumados a ver a imagem da mulher como uma atração. O seu lugar é no fundo do palco, com roupas curtas, dançando enquanto o artista se apresenta no palco ou diretamente para a câmera, quando o apresentador (na maioria das vezes do gênero masculino) chama os comerciais. Isso é comum em programas consolidados na grade horária das diferentes emissoras como: o Domingão do Faustão, da Rede Globo; programa Silvio Santos, do SBT; Pânico na Band, da Band.

Neste tópico, o "Altas Horas" é um dos primeiros a apresentar a figura feminina em seu espaço de outra forma. A primeira banda do programa era composta apenas por mulheres. Foi no programa comandado por Serginho Groisman que, em 2006, que uma mulher, com atuação na área de Psicologia Clínica, palestrante e jornalista brasileira, Laura Muller, se destacou ao entrar na tela para falar abertamente sobre sexo com a plateia presente e com os telespectadores de casa.

Pontos como esses, na maioria das vezes passam despercebidos aos olhos do público, por já estarem acostumados a apenas assistir a imagem que é mostrada e não analisar ou questionar o contexto em que ela se encaixa. Mas, mesmo assim, o programa se consolidou, conquistou seu público e mantém em sua essência essa forma natural de mostrar o novo.

3.3 CORPUS

O trabalho tem como objetivo principal mostrar a mudança na imagem da mulher nos programas de auditório da TV aberta. Para isso, no primeiro capítulo fizemos um apanhado sobre a construção social do papel feminino. As predefinições que a sociedade aponta sobre o que é ser mulher, as atribuições e comportamento que cabem ao ser feminino. Nessa abordagem trazemos um pouco do movimento feminista, que pode ser visto como principal responsável pela mudança na imagem e representação da mulher na sociedade, uma vez que, levantou questionamentos, apontou diferenças e busca igualdade perante o sexo masculino e a sociedade.

Em seguida, fizemos um apanhado sobre a mulher na TV, por conta da sua relevância e forte influência social no contexto brasileiro. Discutimos o papel da televisão como um meio de comunicação em massa e o formato programas de auditório para em seguida apresentar a emissora e o programa que será objeto de estudo na análise.

Na busca de entender o modo como a imagem feminina era usada como atração em programas de auditório e os novos espaços que ela vem ocupando neste novo tempo, escolhemos analisar o Programa Altas Horas. Essa escolha se deve ao fato do programa apresentar as características de um programa de auditório e ao mesmo tempo apresentar um formato diferente em relação à proximidade com o público, relação com os convidados e apresentação de temas sempre atuais que são capazes de gerar discussões. Além de apresentar o assunto de forma clara, com uma linguagem simples e leve. O programa tem, em certa medida, um tom desprezioso e, de forma coloquial, os assuntos tratados pelos convidados costumam gerar comentários e se tornam pauta de algumas conversas familiares.

Para testar a hipótese citada de diferença entre o Altas Horas e os programas de auditório que utilizam a imagem feminina como atração, vamos observar trechos de três episódios do programa em que as mulheres se tornaram destaque. Apresentado para o público como um programa de variedades, o "Altas Horas" traz um leque de possibilidades, com atualidades, assuntos que estão em alta, além de contar com a participação ativa do público e apresentar o assunto de forma clara.

Os episódios escolhidos dialogam com debates já abordados nesta pesquisa sobre a figura da mulher na sociedade e a construção em volta do seu papel. O primeiro episódio a ser analisado foi ao ar no dia 6 de dezembro de 2014. Neste dia, o programa trazia em sua pauta assuntos relacionados à sexualidade, assédio e percepção do público masculino sobre o mundo feminino. Neste dia, o programa contava apenas com convidadas femininas como: as cantoras Pitty, Anitta e Flora Matos, as atrizes Maria Casadevall, Fernanda Paes Leme, Danielle Winits, Marjorie Estiano a jogadora de vôlei Jaqueline Ernandes e a jornalista Monalisa Perrone e uma plateia exclusivamente masculina. O momento-chave que chamou atenção do público e gerou diversos comentários na mídia e nas redes sociais foi o debate entre as cantoras Anitta e Pitty. Após vários momentos de conversas sobre a posição da mulher na sociedade e as obrigações atribuídas a elas, a cantora Anitta levanta a questão da conquista e igualdade de direitos entre os gêneros e é rebatida pela cantora Pitty. Em outro momento, Pitty questiona a opinião de um homem sobre a ideia da mulher poder "sair sozinha com amigos" e a opinião do participante gera polêmica.

Outro episódio a ser analisado foi ao ar dia 28 de julho de 2018. Nele as atrizes Giovanna Ewbank e Bruna Marquezine falam sobre suas criações e as dificuldades que tiveram ao longo da vida para reconhecer o movimento feminista, sua importância para se entenderem como mulheres independentes e fazem uma ligação histórica com a construção social que vem enraizada e molda os papéis feminino e masculino na sociedade.

O terceiro e último episódio a ser analisado foi ao ar no dia 02 de setembro de 2017, tendo como convidadas Elza Soares, Bruna Lombardi e Pitty. Logo no início do episódio, as convidadas falam da voz e espaço que as mulheres vêm conquistando, seja pelas redes sociais, seja através das leis e a importância da mulher saber reconhecer quando alguma violência acontece. Durante o episódio fazem a ligação com o passado e as construções que ele traz e reafirmam as conquistas que aconteceram e quantas ainda faltam acontecer.

Os três episódios escolhidos dialogam entre si, pois todos fazem referência às construções sociais que nos influenciam. As convidadas contam suas experiências que se referem a algo maior, a uma base do que se entende como ser mulher. Como afirmado por Simone de Beauvoir, no livro Segundo sexo “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”.

Uma das fábulas favoritas de nossa sociedade é a de que as mulheres são por natureza um sexo inferior, e que são inferiores devido a suas funções reprodutoras. A história se explica assim: a mulher está obrigada a ficar em casa porque tem que cuidar de seus filhos, e portanto seu lugar é o lar. (Reed, 2008, p. 34)

Por muito tempo, a construção social atribuiu à figura feminina um papel de submissão que aceitamos por muito tempo e sem questionamentos, fazia parte do pensar feminino reconhecer a superioridade do homem e a necessidade de sua presença, sua força e proteção. Foram longos anos de lutas até começarmos a entender essa ideia de mulher frágil, do lar e questionar certos pontos, até o momento que algumas foram à luta em busca de igualdade. Ainda hoje, conseguimos reconhecer em algumas falas e posicionamentos, tanto de homens quanto de mulheres, resquícios desses antigos pensamentos que foram se transferindo e se modificando ao longo do tempo.

Uma das principais características do capitalismo e da sociedade de classes, é a desigualdade entre os sexos. Na vida econômica, cultural, política e intelectual, os homens são os amos, enquanto as mulheres cumprem um papel de subordinadas e inclusive de submissas. Só muito recentemente a mulher começou a sair da cozinha e dos quartos das crianças para protestar contra o monopólio do homem. Mas a desigualdade inicial permanece. (Reed, 2008, p. 1)

Nesses episódios, os convidados encontram espaço para falar sobre a construção dessa imagem e em determinados momentos questionar essa predefinição das obrigações que a sociedade deposita no ser feminino apenas por fazerem parte de um grupo. Ao destrinchar cada episódio e ao fim da análise conseguimos perceber como esses enunciados e pensamentos ainda se fazem presentes e como aparecem em discursos nos dias de hoje e ao mesmo tempo nos deparamos com novos questionamentos sobre esses pensamentos, conseguimos reconhecer a nova postura das mulheres frente a situações antes consideradas normais e esses novos pensamentos e enunciados que vem se criando, se modificando e se moldando sobre a presença da figura feminina na televisão e na sociedade.

CAPÍTULO 4
DISCURSO SOBRE A MULHER

O capítulo a seguir se divide em duas partes. A primeira traz uma breve explicação sobre o dialogismo, conceito que integra o nosso percurso metodológico, guiando a nossa análise. A segunda parte traz a análise do corpus escolhido, observando cortes de três episódios do programa de auditório da TV Globo, "Altas Horas". Os cortes dos episódios escolhidos, ao meu ver, trazem elementos para a discussão sobre a exposição da figura feminina em programas de auditório, que nos ajudam a pensar sobre a construção social da imagem feminina no passado e como essas ideias se fazem presentes ainda hoje. Nos cortes escolhidos é possível observar também a nova forma de comportamento e postura da mulher em relação à sociedade, as falas mais objetivas, reconhecendo e demonstrando esse novo comportamento que possibilitou e possibilita a cada dia a conquista de novos espaços e atribuições. Essa nova forma de viver mais "livre", mais visível, mais real, possibilita a abertura de espaços para novas discussões e questionamentos em relação ao passado. Será que essa predefinição do que é "ser mulher" cabe a todas que fazem parte da sociedade hoje? Com os espaços que a mulher ocupa hoje, essa afirmação que a mulher deve ser mãe de família e cuidadora do lar não ficou ultrapassada? Será que a presença feminina na televisão serve apenas como atração para os olhares masculinos? Esse condicionamento do pensamento antigo de colocar a figura masculina como superior à feminina apenas pela questão do gênero. Esses são alguns questionamentos que se fazem presentes em diversas discussões na sociedade e acabam chegando na televisão. Os cortes dos episódios exemplificam essa abertura de espaço, as novas colocações, discussões e atribuições que a figura feminina carrega consigo e levantam questionamentos sobre o que se entende como ser mulher.

4.1 METODOLOGIA

Como visto nos capítulos anteriores e como será mostrado na análise dos episódios escolhidos, a construção da imagem da mulher TV está em boa medida embasada em ideias que se repetem ao longo do tempo. Por muito tempo se definiu a mulher como um ser inferior ao homem e com deveres específicos dentro da sociedade, e essa definição do papel feminino é reproduzida em várias áreas: novelas, livros, filmes e músicas retratavam a posição da mulher e justificavam o porque cada gênero ocupava determinado lugar dentro da sociedade. Mesmo com o passar do tempo e a popularização do movimento feminista, a chegada da mulher em ambientes totalmente masculinos, a busca e conquista de direitos que sugerem uma igualdade de gênero, hoje, conseguimos perceber que determinados pensamentos, dizeres e

pensamentos sobre o papel da mulher ainda permanecem. Isso porque viemos de uma criação que por muito tempo preservou a superioridade masculina e, ainda hoje, nossa sociedade conserva a imagem do homem como superior. Mesmo com as novas conquistas e avanços da mulher, o que está enraizado e formado como base da sociedade segue firme e difícil de se modificar. A forma de pensar, a cultura é algo mutável, mas sempre terá uma história que detém certos moldes que prevalecem e que continuaram servindo como inspiração e ponto de partida para novos pensamentos e enunciados, que com outras palavras acabam trazendo e formando um mesmo sentido.

No contexto dialógico não há primeira nem última palavra, as vozes sociais estão em constante diálogo e tensão, os sentidos estão em constante transformação e produção; por conseguinte, os objetos já são habitados por diversas vozes e põem como possibilidade e limite que todo saber produzido sobre eles é um saber situado no tempo e no espaço, realizado por determinadas pessoas, em determinadas condições. Todo saber, portanto, é datado e não final, assim como a monologia emerge apenas como efeito de sentido de uma voz que se pretenda final ou concluidora de sentidos. (Machado; Zanella. 2019 p.13)

Para explicar essa relação dos enunciados passados com os futuros vamos usar o conceito de Dialogismo. Criado pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin, o dialogismo pode ser definido como a relação que nossos enunciados estabelecem com outros enunciados do passado ou do futuro.

Para Bakhtin, a verdadeira substância da língua é constituída justamente nas relações sociais, via interação verbal, realizada por meio da enunciação ou das enunciações (Marcuzzo, 2008. p 3)

Mecanismo de construção social, o dialogismo é um texto conversando com o outro e formando um novo texto. Isso constitui o ser humano a partir da interação social com o outro. O dialogismo acontece de diversas formas: quando se lê um livro, se admira uma obra de arte, assiste a um programa de TV e na conversação do dia a dia. A relação entre pensamentos e falas do passado, presente e futuro que permite criação de um novo enunciado pode ser explicado pelo princípio do dialogismo.

O enunciado nunca é simples reflexo ou expressão de algo que lhe preexistisse, fora dele, dado e pronto. O enunciado sempre cria algo que, antes

dele, nunca existira, algo novo e irreproduzível, algo que está sempre relacionado com um valor (a verdade, o bem, a beleza, etc.). Entretanto, qualquer coisa criada se cria sempre a partir de uma coisa que é dada (a língua, o fenômeno observado na realidade, o sentimento vivido, o próprio sujeito falante, o que é já concluído em sua visão do mundo, etc.). O dado se transfigura no criado. (Bakhtin, 1997, p. 194)

A criação desse novo enunciado é influenciado também pela cultura, formas e fala que tenho no meu interior, que são resultado de todas as vivências e experiências que passei. Isso também é baseado em culturas e falas já formadas que aprendemos com nossos antepassados, permitindo que eu veja as coisas e reaja a elas de determinada forma. Uma determinada ideia, palavra ou fala pode ganhar novos sentidos e aplicações a partir da vivência e aplicação particular de cada indivíduo. Um enunciado ou pensamento é capaz de se expandir por anos e ir se modificando e moldando a partir da realidade e modo como é aplicado.

O dialogismo demonstra que os sentidos se constroem a partir do diálogo, por meio da interação entre pessoas e seus enunciados. Uma ideia dita hoje, em algum momento conversa e acaba se esbarrando em algo do passado. Pessoas podem passar por situações iguais em vários momentos, mas a forma como cada uma irá reagir é única. O que realizamos no dia a dia é a tentativa de explicar para o outro algo, mas a partir do momento que as palavras são ditas, escritas e repassadas para outras pessoas, elas já estão abertas, em alguma medida, a ganhar novos significados e entendimentos.

Em "Estética da criação verbal" (1997), o autor Mikhail Bakhtin afirma que: "Esse excedente constante de minha visão e de meu conhecimento a respeito do outro, é condicionado pelo lugar que sou o único a ocupar no mundo: neste lugar, neste instante preciso, num conjunto de dadas circunstâncias". O dialogismo se reflete na sociedade e por isso recorremos a esse conceito na busca de entender como funciona, como funciona a criação e manutenção desses padrões pré estabelecidos sobre a imagem e comportamento da mulher. A palavra não muda. Não se cria nem se destrói, apenas conseguimos condicionar seus significados dentro do meio que ela circula. Por muito tempo, em nossa sociedade a imagem da mulher, dona de casa, que sabe cozinhar, que cuida do lar e ao final do dia espera o marido com uma alegria e beleza se fez cabível e conseguiu representar o que se vivia ali naquele momento. Naqueles dias, as mulheres eram criadas para isso, servir o marido. Hoje, após a saída da mulher de casa, a chegada no mercado de trabalho, as novas jornadas e propostas de vida, essas palavras, moldes não são mais cabíveis, e agora sendo questionados vêm ganhando novas configurações. Mesmas palavras, com novos significados que agora descrevem e trazem

novas configurações, formas sobre o ser mulher, como se porta uma mulher e como se descreve a nova mulher do século XXI.

Cumpramos assinalar que os processos que nos levam à identificação com o outro, a completá-lo e a acabá-lo, não se situam necessariamente numa sucessão cronológica e apenas estamos procurando salientar a distinção de sentido que diferencia essas operações, estreitamente entrelaçadas na nossa vivência do outro. (Bakhtin, 1997, p. 29)

Bakhtin afirma que a criação de sentido não se dá necessariamente em uma ordem cronológica, mas essa criação está inteiramente ligada com a relação que temos com o outro. Quando olho no espelho, a visão que tenho de mim mesmo é totalmente particular, mas vemos apenas nosso aspecto físico. Pelo espelho não consigo ver meu interior e nem as partes que o compõem. Isso significa que o reflexo físico não é capaz de mostrar para todos a vivência que cada ser carrega. Essa vivência interna e invisível que molda a forma como me comunicarei com o outro, e o molde que o outro carrega moldarão a forma como ele entenderá e repassará aquela nova vivência. Um enunciado conversando com o outro para a formação de um novo, como explica o conceito de dialogismo.

Essa pesquisa busca explicar, baseando-se no conceito metodológico de dialogismo, como as ideias podem circular em diferentes ambientes e tempos e ganhar novas formatações. Como a comunicação entre os sujeitos e a exposição dos enunciados seguem um ciclo, o que foi dito hoje pode ecoar algo do passado e como algo futuro terá resquícios do que pensamos e moldamos nos dias de hoje.

Como visto nos capítulos anteriores, a definição do que é ser mulher perante a sociedade prevalece por muitos anos. Essa transmissão de sentidos por entre os anos mostra como o dialogismo se faz presente. Por meio do discurso e da interação entre pessoas entendemos e reconhecemos o que está no enunciado e conseguimos reconhecer como algo do presente já foi pensado no passado. Ao observar determinados diálogos presentes no nosso objeto de análise, identificamos posicionamentos e falas que esbarram com falas, pensamentos e definições passadas sobre o que é ser mulher. E dentro desses mesmo diálogos é possível perceber como essas ideias hoje incomodam, porque mostram e afirmam uma ideia que não cabe mais na imagem da mulher no século XXI.

4.2 ANÁLISE

Nas páginas a seguir irei descrever e analisar diálogos que ocorreram em três episódios do programa “Altas Horas”. Acredito que eles são expressivos porque ambos trazem a discussão central do trabalho que é a discussão sobre a representação da figura feminina na TV. Os episódios trazem diálogos abertos que acontecem entre a plateia, artistas convidados e o apresentador. Os diálogos expostos mostram as conquistas femininas ao longo dos anos: novos espaços, o reconhecimento como uma figura capaz, a busca por direitos iguais, o reconhecimento e a luta por direitos e espaços iguais. O programa é um exemplo simples dessa evolução da mulher. Antes vista apenas como um atrativo para o olhar masculino e com papel definido dentro da televisão, hoje a figura feminina aparece no centro de várias discussões, como voz autônoma, capaz e marcando presença nos novos espaços conquistados.

Respeito

O primeiro episódio a ser analisado foi ao ar no dia 06 de dezembro de 2014, com plateia composta apenas por homens e convidadas femininas. Dois momentos marcaram o episódio, que até hoje é citado em discussões quando se fala do empoderamento e reconhecimento feminino.

Como de costume, o apresentador Serginho Groisman abre o programa apresentando a plateia, que neste dia era exclusivamente masculina, e as convidadas: as cantoras Anitta e Pitty, as atrizes Maria Casadevall, Danielle Winits, Fernanda Paes Leme, Marjorie Estiano e a jornalista Monalisa Perrone. Neste programa, ocorre uma troca: as convidadas fazem perguntas para a plateia. Os assuntos sempre giram em torno da visão do homem sobre as mulheres em diversas situações.

No decorrer do programa, as convidadas contaram sobre suas experiências na mídia em suas áreas de atuação, o assédio que acontecia e como lidavam com isso. Além das mudanças que a imagem da mulher sofreu ao longo dos anos e o espaço que foi conquistado por elas. Durante a conversa, o apresentador Serginho Groisman questiona a cantora Flora Matos² sobre a reação dos homens quando estão em seus shows, já que o show conta com apresentações de dança mais sensuais. Flora afirma não ter tanto impacto assim, já que seu

² A cantora Flora Matos entra como convidada no fim do primeiro bloco, junto com a jogadora de vôlei Jaqueline Carvalho.

show e suas músicas agradam tanto ao público masculino quanto ao feminino. Ela supõe que Anitta possa ter histórias melhores, por ter coreografias mais sensuais.

A cantora afirma ter vivenciado, sim, algumas reações engraçadas e previsíveis e completa afirmando que: “A grande questão aqui hoje é que as mulheres lutaram tanto pra chegar, pra ter os mesmos direitos que os homens, que - quando chegou no momento que elas tiveram o salário igual, a mulher também vota, a mulher também tem emprego - chegou uma hora que quis tomar conta da situação.” E isso, segundo Anitta, acabava deixando o homem desestimulado, já que é algo do homem, do instituto masculino, querer cuidar, fazer a parte do cavalheiro. Logo depois a cantora Pitty faz uma ressalva afirmando que as mulheres ainda não têm os mesmos direitos que os homens. Ocorre então o seguinte diálogo entre as duas cantoras:

Pitty - Anitta, só uma ressalva, nós ainda não temos os mesmos direitos, nós não ganhamos o mesmo salário.

Anitta - Mas já chegamos quase lá.

Pitty - Quase não é lá, vamos começar por aí... Eu acho que a gente ainda tem muito pra conquistar. A partir do momento que a gente questiona, numa plateia masculina, se uma mulher sair com os amigos é ruim, por exemplo, não tem nada a ver, não é específico, mas isso causa tanta comoção. Eu acho que a gente tá longe.

Anitta - Não, tá longe no sentido do machismo. No machismo do homem achar, no sentido não dos direitos civis.

Pitty - Mesmo nos direitos civis.

Anitta - Nos direitos civis, mas, assim, no machismo comportamental o homem acha que a mulher: “Ah, não pode ir pra lá, não pode usar roupa curta, não pode”. Eu acho que uma coisa é o comportamento, machismo do homem, e outra coisa acho que é o respeito que a mulher tem que dar pra ela mesma. Porque se a mulher não se respeitar, ninguém vai respeitar a mulher. (Altas Horas, 2014)

Anitta é uma cantora, compositora e empresária carioca. Hoje com 30 anos, é dona de uma carreira consolidada e autora de vários hits que agitam o Brasil e o exterior. Começou sua carreira no funk carioca, ritmo conhecido por suas batidas aceleradas, dança ousada e letras com forte conotação sexual. Durante o diálogo da cantora com Pitty, conseguimos perceber a contradição do pensamento e como é difícil superar pensamentos e ensinamentos que fazem parte da nossa criação. Como uma mulher que se consolidou na mídia e no meio artístico usando roupas curtas, fazendo danças sensuais e cantando letras com duplo sentido pode defender um pensamento tão ultrapassado sobre como a mulher deve se portar para merecer o respeito do próximo? A ideia de que, para ser respeitada como uma mulher, eu devo me portar de tal forma e seguir certos padrões, me manter sempre recatada e pronta para servir.

Apresentar-me como uma mulher que sabe seu lugar e suas funções, ainda é condição necessária para merecer respeito. O episódio ainda nos faz pensar sobre outro ponto. Desde pequenas sofremos influências e exemplos de como ser uma “mulher de verdade”, mas, com o passar do tempo, a chegada das mulheres em espaços antes totalmente masculinos, a popularização do feminismo e todas as vozes que aparecem na mídia, nos livros e na sociedade, hoje, reconhecemos os novos valores que são atribuídos à mulher. Hoje, somos capazes de reconhecer nosso espaço e lutar pelo mesmo e sempre buscar a igualdade de gênero. Ao contrário de todos esses novos enunciados que vão surgindo e se transformando sobre a figura feminina, a fala da cantora Anitta nos faz reconhecer que apesar de toda essa informação ainda é muito difícil romper conceitos e valores com os quais estamos em contato desde o nascimento. O posicionamento de Anitta nos mostra o quanto esse pensamento retrógrado faz parte de cada um de nós e como somos reflexos dos meios que frequentamos e a educação que recebemos. Exclusivamente neste diálogo, Pitty nos passa a imagem de uma mulher mais madura, instruída e estudada que Anitta. A cantora carioca nos passa a imagem de uma mulher que ainda não tem tanta afinidade com essa nova forma de ser e se reconhecer como mulher. Apesar de trabalhar com um estilo de música que não é tão bem visto, expor seu corpo com roupas curtas e danças chamativas ainda tem uma imagem e opinião que retratam a mulher recatada e do lar. Essa diferença de posicionamento, de falas e maneira de se portar, por vezes esbarra na interseccionalidade. Como falado também no capítulo 2, podemos definir a interseccionalidade como a interação entre dois ou mais fatores que definem uma pessoa. Isso quer dizer que, nossas opiniões, gostos, modos de agir e linha de raciocínio sofrem interferência e são influenciados pelo ambiente, formação, cultura e gostos que nos são apresentados. Isso se exemplifica no diálogo acima, são duas mulheres, cantoras que estão na mídia, mas apresentam posicionamentos e opiniões diferentes. Ambas carregam nessas falas influência do meio em que vivem hoje e que crescem tempos atrás.

Pitty - Mas, isso, o homem e a mulher, né? Qualquer ser humano, desassociado de gênero. Porque o que se diz de uma mulher de respeito é diferente do que se diz de um cara de respeito. Então, isso me incomoda. Isso é uma coisa que me incomoda, por exemplo, lembra aquela história do texto. As pessoas te vêem no palco rebolando de roupa curta e acham que você está disponível.

Anitta - Exatamente.

Pitty - Independente do trabalho, independente de qualquer coisa. pra mim é sair em defesa de um comportamento que, se fosse masculino, ninguém questionaria.
(Altas horas, 2014)

O diálogo acima é um exemplo da influência de uma antiga construção social sobre o que é ser mulher e como o dialogismo e como essas ideias aparecem no dia a dia. Um único enunciado pode circular em diferentes momentos, e uma ideia ao falar do presente pode esbarrar em pensamentos passados. As limitações impostas à figura feminina desde a infância, como discutido no livro "Segundo sexo" de Simone de Beauvoir e explicado no primeiro capítulo, nos ajudam a entender o diálogo acima.

Para a autora, a diferença entre o sexo masculino e feminino sempre esteve presente e bem clara. Para o homem, a mulher é uma figura frágil, delicada e educada que precisa de proteção, de cuidado. No momento que essas construções e necessidades femininas se tornam diferentes, o homem se vê “desenterrado”, como dito pela cantora Anitta no episódio descrito. Ainda segundo Beauvoir, dentro dessa construção social imposta, tudo contribui para confirmar a hierarquia masculina. Meninos são educados como superiores e meninas como submissas. Essa criação conserva ainda a ideia de mulher para casar e mulher para se divertir. A mulher para casar deve ficar em casa e cuidar das responsabilidades do lar, enquanto a mulher que é vista em bares e com amigos é vista apenas como uma boa amiga. Isso é exemplificado no mesmo episódio, quando, durante a participação da plateia, um convidado é questionado pela cantora Pitty:

Pitty - Você tem namorada?

Convidado - Não

Pitty - Mas, se você tivesse uma namorada ou, enfim, e ela fala "Amor, hoje eu vou sair com meus amigos pra balada". Como é que você se sente, como é que você reage?

C - Eu ia ficar bravo, ia terminar com ela se ela me provocasse.

Pitty - E você tem amigas?

C - Tenho

Pitty - Você sai com suas amigas?

C - Saio, mas ela não pode sair.

Pitty - Por que?

C - Oxi, mulher é pra ficar em casa.

Pitty - É mesmo? É por isso que você não tem namorada, amigo.

(Altas Horas, 2014)

Ao longo do episódio, outras conversas e questionamentos entre plateia e convidados deixam claro essa posição do homem superior e o papel definido da mulher como submissa. Quando questionado o porquê a mulher não pode sair, a resposta do participante evoca uma visão antiga sobre a figura feminina e a função dela dentro da sociedade. Quando o participante da plateia expõe esse fato, ele abre espaço para discussões e apresentação de diversos pontos. Conseguimos perceber aí como essa ideia faz parte da construção de cada um. Durante o questionamento, o participante não exemplifica com nenhum dado ou argumento sólido o

porque a mulher deve se manter dentro de casa e se poupar de frequentar ambientes movimentados sozinha (sem marido/namorado) apenas na presença de amigos(a). Em contrapartida, deste ponto conseguimos observar pela fala da cantora Pitty os avanços que as mulheres aos poucos vêm conquistando. Hoje, uma mulher é capaz de reconhecer e debater sobre a sua posição dentro da sociedade, temos inteligência e capacidade para desenvolver serviços fora do lar e conquistar novos espaços.

Reconhecimento

Outro episódio que exemplifica essa nova visão e posição da figura feminina foi ao ar no dia 02 de setembro de 2019. Nele as convidadas Elza Soares, Bruna Lombardi e Pitty enaltecem o poder da mulher. Em um trecho do episódio que chama atenção e pode ser considerado um marco, mulheres falam abertamente sobre os espaços conquistados e o assédio. Como se sentem hoje com a imposição da opinião masculina, a forma como os olhares recaem sobre seus corpos e como isso já está tão dentro da construção do sujeito que é difícil reconhecer quando algo acontece. Responsável pelo “Escritório Feminista”, blog da revista Carta Capital, a escritora Djamila Ribeiro, afirma que: “Nosso olhar naturaliza, quando na verdade a gente sabe que tem toda uma construção por trás disso”. (Empresa Brasil de comunicações, 2017). Algumas vezes, falas e atitudes são tão comuns que acabam passando despercebidas e nós mulheres, ainda hoje, dependemos de um determinado amadurecimento para saber reconhecer esses acontecimentos.

No episódio em questão, após ser questionada por Serginho sobre seu posicionamento, atitude e liberdade que aparenta ter e repassa para os outros em forma de letras e músicas, a cantora Pitty afirma que demorou muito tempo para reconhecer determinadas ações. Justamente pelas sutilezas com que elas acontecem e a necessidade que sentia de sobreviver dentro de um ambiente muito masculinizado, como é o ambiente do palco e do rock. E como teve que mudar para caber dentro de determinados padrões que fazem parte dos grupos aos quais ela pertencia.

Pitty - [...] tudo que eu fazia naquele momento era tentar existir dentro daquele contexto, então eu encontrava subterfúgios para isso. Seja adaptando meu vestuário para caber em uma determinada situação, seja adaptando meu vocabulário, enfim, meu comportamento. Eu sempre tive muito amigo homem, então eu fui passando a perceber essas sutilezas de ser mulher com a mesma idade mesmo. Por isso, quando penso nisso, penso em Simone de Beauvoir, que ela fala: "Não se nasce mulher, você se torna mulher". Eu me tornei mulher, eu conquistei o fato de ser mulher,

porque ser mulher no contexto onde eu nasci era uma coisa não só perigosa como desfavorável.

Bruna G. - Acho que o próprio comportamento dela, como nós aqui conversando, uma das grandes coisas que a gente tem que fazer é não caber no padrão. Você tem que achar seu próprio ser humano, seja ele qual for, quebrar os padrões, criar seu próprio padrão de comportamento e ser você. A grande descoberta de ser mulher é o autoconhecimento, é você ser você mesmo.

(Altas Horas, 2017)

Falas como essa mostram a evolução do pensar, novas formas e identidades femininas que a sociedade vem ganhando. Os antigos padrões aos poucos vão sendo abandonados, principalmente pelas mulheres. Quando a atriz Bruna Lombardi fala de padrões, ela se refere a moldes pré estabelecidos pela sociedade sobre o que é ser mulher, sobre como a figura feminina deve se portar, vestir e falar. Quando falamos em padrão, falamos na repetição dos enunciados e formatos que por muito tempo definiram o papel social da mulher dentro da sociedade. Como citado no capítulo 2, no artigo “Processos de construção sociais, movimentos autogestionários e consciência crítica”, a autora Josiane Magalhães afirma que durante o processo de socialização, cada indivíduo constrói dentro de si representações do mundo da sociedade e essas representações permitem a manutenção e existência das instituições na sociedade. Então, esse molde do que é ser mulher que nos é apresentado a todo momento e de diversas formas (na literatura, novelas, música e criação familiar) ajuda a manter e preservar essa imagem. Hoje, por mais que a mulher consiga reconhecer novas formas e opções que cabem à figura feminina, ainda é muito difícil se libertar totalmente da mulher perfeita que é desenhada há muito tempo pela sociedade. Momentos de discussão e abertura para a conversa como esse mostram essa evolução e reconhecimento da figura da mulher, tanto no interior, da mulher consigo mesma, quanto da sociedade para com a mulher. Aos poucos, mulheres vêm se mostrando capazes, inteligentes, com personalidade e vontades e vão deixando para trás aquela ideia torta de ser alguém para servir, frágil, que precisa de proteção. Durante esse momento do diálogo conseguimos perceber que toda essa liberdade e novas conquistas trazem segurança. As artistas quando abrem espaço na discussão e apresentam sua opinião usam sempre um tom seguro, não usam o tom de dúvida ou a voz trêmula de alguém que fala com receio, são mulheres que têm pleno conhecimento do assunto e liberdade de falar.

Em 2020, uma reportagem publicada no portal da Instituição Fiocruz exemplificou e resgatou a história de luta das mulheres. “Mulheres modernistas desafiaram os padrões femininos no início do século 20” (Albuquerque, 2020). A matéria, escrita por Cristiane Albuquerque, conta um pouco do que as chamadas “modernistas” enfrentam ao tentar romper com o padrão.

Ao fazê-lo, as chamadas modernistas ditaram comportamentos inaceitáveis até então. Condutas como viajar sozinha, separar-se do marido, frequentar bares ou mesmo praticar esportes eram vistas como sinais de descontrole e, em alguns casos, assemelhavam-se aos sintomas apresentados por mulheres interdadas em hospícios. (Albuquerque, 2020)

Desafiadoras, loucas e descontroladas eram alguns dos adjetivos que as mulheres modernistas ganhavam ao ir em busca do seu espaço e direitos. Hoje, com a popularização da internet e da informação, conseguimos reconhecer, debater e encontrar inspiração para continuar em busca do nosso espaço, lutando por nossos direitos e mostrando que continuamos sendo mulheres, agora mulheres mais independentes, que reconhecem suas capacidades, direitos e vontades. A imagem da mulher, mãe e dona de casa ainda prevalece, muitas ainda se sentem realizadas quando conhecem a maternidade e constituem uma família e isso não anula as novas formas que encontramos de nos realizar. A nova forma de ser mulher não anula a antiga, hoje, podemos nos reconhecer como uma versão mais moderna que encontrou a realização também fora do ambiente familiar.

Falar abertamente

Outro episódio que exemplifica essa nova postura a respeito do posicionamento e presença da imagem feminina dentro dos programas de auditório foi ao ar no dia 28 de julho de 2017. Nele, as convidadas Bruna Marquezine e Giovanna Ewbank, após um questionamento da plateia, falam sobre a importância da observação e de aprender a ser feminista. A maioria das mulheres não nasce empoderada, com a consciência de liberdade, pois, na maioria das vezes, nascemos e crescemos em lares onde o que prevalece é a figura masculina. As meninas frequentemente ainda são criadas para futuramente conquistar um marido, um bom casamento e constituir uma família.

Plateia - Boa noite, Giovanna! Gostaria de saber se num país onde se reverbera tanto comportamento machista na sociedade, quais deveriam ser as atitudes das mulheres para atenuar essa problemática, assim, para que isso meio que tenha a longo prazo um fim?

Giovanna - Eu acho que tem que apoiar e ajudar uma a outra, sabe? A gente tem que prestar atenção em tudo que tá acontecendo nesse momento do mundo e acreditar que a gente pode chegar aonde a gente quer chegar. Porque, infelizmente, a gente não tá ainda onde a gente pode estar, e é isso não só com o machismo, mas com várias outras questões, com vários tipos de preconceito. Eu acho que ao mesmo tempo que existe essa geração que tá lutando contra, também tem a galera que quer abafar. É a gente não abaixar a cabeça.

Bruna M. - Meninas, acho muito importante isso que a Giovanna falou de se unir e entender que nós estamos aprendendo a ser feministas. Eu não vim de um lar feminista, minha criação não foi feminista, muito pelo contrário. Então, eu aprendo a cada dia mais a ser, entender o que de fato é o feminismo, e que a gente tem que entender que a gente tá nisso juntas, né?! É importante olhar pra mulher do lado. A

gente foca muito no "inimigo" e esquece de nos fortalecer, repensar antes de julgar outra mulher por questões físicas, pelo comportamento, falar de uma pessoa, de uma mulher que de alguma forma te atinge. Acho que dessa forma, no seu trabalho, começar a se colocar de uma maneira mais... colocando mais limites pra que você não se sinta em situações... não se sinta oprimida. E fortalecer a mulher que tá do lado e falar que tá junto, sabe?! Entender que agora o protagonismo é da mulher, rapazes. Entenda, vocês foram protagonistas por muito tempo, agora é hora de ouvir. Parabéns por trazer essa pergunta.

(Altas Horas, 2018)

Esse episódio é uma pequena exemplificação desse novo espaço que as mulheres vêm ocupando dentro da TV. Antes, a figura feminina tinha o papel claro de ser um atrativo a mais. As mulheres que faziam parte de algum programa, na maioria das vezes, tinham lugar no fundo do palco, atrás do apresentador e apareciam sempre em momentos oportunos, conhecidas como animadoras de auditório. Os programas sempre apresentavam belas mulheres, com belos corpos, roupas curtas e chamativas. Até mesmo as convidadas muitas vezes eram expostas a situações constrangedoras, consideradas engraçadas que rendiam à plateia e ao público risadas. Isso conseguimos encontrar até hoje em programas como “Silvio Santos”. Grande nome da televisão brasileira, Senhor Agravanel é um ícone dos programas de auditório. Com carreira longa, o apresentador está na TV desde 1962. Consagrado como apresentador, seu programa tem ainda um formato antigo, o palco à frente da plateia, gincanas, participação da plateia e pegadinhas. Apesar de seu inquestionável talento para animar um programa, nos últimos tempos seu nome vem sempre relacionado a notícias de situações que aconteceram e causaram certo incômodo às artistas convidadas.

Os episódios citados representam o que a sociedade é hoje e como a mulher se apresenta dentro dela. Ainda somos a soma de uma educação que prevaleceu por muito tempo, que em diversas situações coloca o homem como protagonista principal e a mulher como coadjuvante ou com uma importância secundária. E, ao mesmo tempo, os diálogos deixam claro a evolução da mulher e sua busca pelo reconhecimento. Depois de muito tempo, hoje, muitas de nós já têm a plena consciência da sua importância, competência, presença e têm a liberdade de afirmar sempre sua posição, apoiando e encorajando outras mulheres a se mostrarem sem medo dos julgamentos, a fugir e combater esse velhos padrões que hoje não servem mais para descrever a figura feminina.

Esse formato ainda faz muito sucesso, grandes nomes ainda hoje conservam seu público. Mas fato é que novos formatos estão chegando e conquistando espaço e os programas mais antigos, que já se consagram presentes há 20, 30 anos na TV estão precisando modificar alguns pontos. Hoje, a presença da mulher em determinado ambiente não cabe mais apenas

como atrativo para o público. Assim como no “Altas Horas”, conseguimos observar esse novo formato em alguns programas. A mulher está presente em todo lugar e programa dentro do ambiente midiático, agora com uma imagem menos sexualizada, mais real e objetiva.

No fim da análise dos três episódios acima, conseguimos entender e reconhecer o caminho já percorrido, as conquistas que vieram por meio das lutas e falas de outras mulheres. Mas algo também fica claro: ainda há um grande caminho a percorrer. Mesmo com mudanças em relação à presença da mulher na televisão, conseguimos perceber como a sua imagem ainda é um tabu presente. Ao observar, conseguimos perceber que a imagem física das mulheres que estão presentes em grande escala dentro da tela, conserva a imagem da mulher padrão, magra, bem cuidada, sempre bem vestida e maquiada, como é o caso de Anitta, Pitty, Bruna Lombardi, Bruna Marquezine, Giovanna Ewbank.

O padrão ainda cobra muito da mulher e, na maioria das vezes, a cobrança é algo particular, nosso, simplesmente por vermos o que está na televisão. E o destaque, os elogios, ainda hoje, na maioria das vezes são direcionados às mulheres consideradas bonitas, magras, charmosas. Infelizmente, mulheres que fogem a esse padrão e têm uma beleza diferente ainda são mal vistas e recebem comentários preconceituosos e muitas vezes “conselhos” e ofertas de ajuda de como serem mulheres. Assim, conseguimos perceber que a cobrança em cima da mulher sempre existiu e existirá por muito tempo, essa cobrança vai apenas se moldando à época e momento que está inserida. Frente a esse ponto conseguimos entender o dialogismo estudado por Bakhtin. Os enunciados não deixam de existir, eles apenas sofrem mudanças e ganham novas interpretações e aplicações para atender o meio em que aparecem. Aqui reconhecemos que além de buscar ampliar o seu espaço, as mulheres precisam brigar diariamente com esses enunciados e pensamentos a fim de recriá-los.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste estudo, após a elaboração de cada capítulo e da análise dos episódios conseguimos perceber o espaço que a mulher vem ganhando dentro da televisão e que a sua presença não se resume mais em ser apenas uma figura decorativa, um atrativo para os olhos. Agora, sua presença é a representação de um espaço conquistado. Conseguir enxergar mulheres em posições de poder, liderando programas, debates e se tornando algo mais que um corpo, demonstra essa evolução da sociedade e dos meios de comunicação.

Hoje em dia já é realidade ver os programas de auditório se adaptando a novos formatos, incluindo mas assuntos que estão em alta na sociedade, possuem alguma carga social e diversificando a presença feminina. Mas isso não quer dizer que esses novos formatos são totalmente diferentes e inclusivos, pois a mudança é lenta. Se formos analisar, conseguimos encontrar programas que ainda preservam formatos antigos, atrações e quadros ultrapassados que utilizam da imagem feminina e muitas vezes colocam convidadas em situações constrangedoras para garantir audiência, um exemplo é o programa Silvio Santos.

Formatos e programas como esse estão cada vez mais escassos na TV e programas como o Altas Horas vêm ganhando espaço. Esses novos formatos acabam refletindo os acontecimentos da sociedade. A luta feminina vem ganhando novos espaços, cada dia mais se fala sobre a busca da igualdade de gênero. Ligar a televisão e ver a mulher como âncora no jornalismo, em programas de entretenimento e em uma posição mais elevada está se tornando comum. Dentro do ambiente midiático, o Altas Horas é um dos programas pioneiros neste formato de debate. Desde que foi ao ar no ano 2000, a interação dos convidados com a plateia acontece. Em formato de uma grande arena, o apresentador Serginho Groisman é como um mediador dos assuntos e opiniões que surgem ali.

Durante a análise, conseguimos perceber que o programa está longe de ser o ambiente igualitário perfeito e ideal. Como todo programa de TV, ele precisa gerar lucros e faz isso por meio da audiência. Proporcionar esse ambiente aberto para discussões, ouvir todos os lados, aceitar todas as opiniões, fazer com que o presente e passado fiquem lado a lado traz grandes resultados. É inquestionável a fama do programa e a audiência que o mantém por tanto tempo nas noites de sábado da Rede Globo. Contudo, é quase impossível negar que o programa se coloca um pouco a frente comparado com outros programas que trazem o mesmo formato e muitas vezes atraem o mesmo público.

Essa nova exposição da mulher, agora vista como uma figura mais madura, capaz e com liberdade para se posicionar, falar sem medo e debater com conhecimento de causa sobre

diversos assuntos, é um retrato positivo da sociedade que está do outro lado da tela. Essa nova representação, a nova imagem que vem sendo construída muitas vezes é mostrada no programa, como podemos perceber nos episódios analisados. Os cortes mostram debates e posicionamentos diferentes, o que abre espaço para novas colocações. Entretanto, apesar de todo espaço conquistado, de ser possível enxergar uma nova versão do que é “ser mulher”, ainda há ideias que precisam ser questionadas e mudadas. A sociedade ainda sofre influência de uma base forte que coloca a mulher como inferior, ainda ouvimos e conseguimos reconhecer em algumas falas e posicionamentos enunciados que nos remetem ao passado. Quando um homem jovem, que faz parte dessa nova sociedade, expõe uma ideia tão antiga de que “mulher é pra ficar em casa” ou mesmo quando uma mulher defende uma opinião duvidosa sobre o comportamento feminino, vemos que essa nova forma de pensar ainda não chegou a todos com a intensidade necessária para mudar um pensamento ou pelo menos fazer com que aquele sujeito repense algumas falas.

Assistindo o programa, conseguimos perceber que um grande caminho já foi feito, hoje muitas de nós mulheres conseguimos se manter e falar sem qualquer pudor. A liberdade feminina é algo real e visível, por outro lado, ainda há um grande caminho a se percorrer, ideias retrógradas e machistas ainda estão em uso e presentes em discursos.

Como afirma Simone de Beauvoir, em o “Segundo sexo”(1967): “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Vamos aos poucos buscando e conquistando novos espaços, aprendendo a ser essa mulher moderna e livre e nos desprendendo aos poucos dessa ideia de mulher caseira. A cada dia vamos reconhecendo nossa força, capacidade e buscando tudo que desejamos. Somos seres adaptáveis e temos o poder de ser tudo que quisermos, mulheres, mães, donas de casa, profissionais e donas de nós mesmas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Cristiane. **Mulheres modernistas desafiaram os padrões femininos do início do século 20**. Rio de Janeiro. Portal Fiocruz, 2020 Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/mulheres-modernistas-desafiaram-os-padroes-femininos-do-inicio-do-seculo-20>

ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum**, Rio de Janeiro, n. 17, v. 6, p. 111-125, jul./dez. 2001.

ATRIZES de Jacarepaguá foram os primeiros rostos na tv. S. Paulo Zona sul. São Paulo. 18 de set. de 2020. Disponível em: <https://jornalzonasul.com.br/atrizes-do-jabaquara-foram-os-primeiros-rostos-da-tv/>

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo, tradução feita por Maria Ermantina Galvão G. Pereira. Editora Martins Fontes, 2º edição, mai. 1997.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo II**: A experiência vivida. 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1967.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução: Rane Souza. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

COSTA, Áurea de Carvalho; LIMA, Jaqueline Moreira Ferraz. A reprodução da ideologia da supremacia masculina na divisão sexual do trabalho, na literatura para crianças. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, Bauru, v. 9, n. 1, p. 91–111, 2021.

EBC. **Ver TV discute como a mulher é representada na televisão brasileira**. Rio de Janeiro, 12 de mai. de 2017. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/noticia/2017-05-12-ver-tv-discute-como-a-mulher-e-representada-na-televisao-brasileira>

FRANÇA, Vera. A televisão porosa: traços e tendências. In: FILHO, João Freire. (Org.). **A TV em transição**: tendências de programação no Brasil e no mundo. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 27-52.

FRANCHINI, B. S. O que são as ondas do feminismo? **Revista QG Feminista**. 2017. Disponível em: <https://qgfeminista.org/o-que-sao-as-ondas-do-feminismo/>. Acesso em: 16 out. 2022

FREIRAS, Cecília de O. "Um beijo para o meu pai, minha mãe, e para Xuxa": Os programas de auditório na cultura brasileira. **Jornalismo Júnior**. São Paulo, 05 de out. de 2022. Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/os-programas-de-auditorio-na-cultura-brasileira/>

Hooks, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

LIMÓN, Raul. Pesquisa mergulha até o Neolítico para encontrar origens da desigualdade entre homens e mulheres. **El país**, Madri, 13 abr. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ciencia/2021-04-13/pesquisa-mergulha-ate-o-neolitico-para-encontrar-origens-da-desigualdade-entre-homens-e-mulheres.html>

LOPEZ-BARREYRO, Luz Amparo. A imagem das mulheres nas propagandas televisivas: uma análise na perspectiva de gênero. São Paulo, **Revista Gestão e políticas públicas**, v. 7 n.1 p.37-56. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rgpp/article/view/137724>

MACHADO, Jardel Pelissari; ZANELLA, Andréa Vieira. Bakhtin, ciências humanas e psicologia: diálogos sobre epistemologia e pesquisa. Paraná. **Psicologia e sociedade**. 10 Jun 2019, Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/6gGsXXqW94XJy9vYmrnhgBy/#>

MAGALHÃES, Josiane. **Processos de construção sociais, movimentos autogestionários e consciência crítica**. REVISTA ORG & DEMO. Marília, v.5, n.2, p. 229- 246, 2004.

MARCUZZO, Patrícia. Diálogo inconcluso: os conceitos de dialogismo e polifonia na obra de Mikhail Bakhtin. Porto Alegre, **Cadil**, cadernos do instituto de letras, cadernos do II n° 36, jun. de 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/cadernosdoi/>

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MATTOS, Sérgio. **Um perfil da TV brasileira: 40 anos de história: 1950-1990**. Salvador: Associação Brasileira de Agências de Propaganda, 1990.

MOTA-RIBEIRO, Silvana. **Retratos de mulher: construções sociais e representações visuais no feminino**. Porto: Campo das letras, 2005.

NOBRE, Miriam; FARIA Nalu. **A produção do viver - ensaios de economia feminista**. São Paulo: Sempreviva organização feminista. 2003

OLIVEIRA, Renan Feitosa; SILVA, Dirceu Lemos. **Do gênero programa de auditório na televisão**. São Paulo: Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, 2016

PORCELLO, Flávio; BRITES, Francielle. TV mulher: A televisão como lugar de memória. Santa Catarina. **Revista Memorare**, tubarão, n° 3, p. 86-100. set./dez. 2018. (Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/memorare_grupep/article/view/7338/4253)

REED, Evelyn. **O mito da inferioridade da mulher**. São Paulo. Editora José Luís e Rosa Sundermann. 2008, transcrição Ana Chagas. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/reed-evelyn/1954/mes/mito.htm>

REED, Evelyn. **Sexo contra sexo classe contra classe**. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

RESENDE, Ana Clara de Freitas. **Meios de comunicação de massa: uma arma do governo militar brasileiro.** Em: IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. 2008. Salvador, Bahia. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza:** como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro. Editora Rosa dos tempos, 2018.

TORRES, Carmen Lígia César Lopes. **Programas de auditório: um gênero mostrando resistência da expressão popular nos meios de comunicação de massa.** São Paulo, NP 01 – Teorias da Comunicação, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. 2004.

TV Globo, **Grupo Globo História.** Rio de Janeiro, 03 de mar. de 2022 Disponível em: <https://historia.globo.com/memoria-roberto-marinho/empresas/noticia/tv-globo.ghtml>

VOLPE, Máira Muhringer. Programa de auditório como uma prática cultural: gosto de classe, hierarquia simbólica e legitimidade cultural. Fortaleza, revista de **Ciências Sociais.** V 48, p. 89-125. Jan/jul 2017

EPISÓDIOS UTILIZADOS:

GIOVANNA EWBANK E BRUNA MARQUEZINE FALAM SOBRE FEMINISMO. Altas Horas. Rio de Janeiro. TV Globo. 28 de jul. 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6906453/?s=0s>

CONVIDADAS FALAM SOBRE EMPODERAMENTO FEMININO. Altas Horas. Rio de Janeiro. TV Globo. 2 de set. 2017. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6123115/>

ANITTA E PITY DISCORDAM EM DEBATE SOBRE A LIBERDADE SEXUAL FEMININA. Altas Horas. Rio de Janeiro. TV Globo. 6 set. 2014. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3815453/>
<https://twitter.com/iexandre/status/1645843106128855070?s=46>